

CASTIGOS, SIM.
PENAS ETERNAS, NÃO.



**"Enquanto existir o mal entre os homens
subsistirão os castigos;"**

Platão, *O Livro dos Espíritos*, 1889

**"O Espiritismo não exclui os castigos, que constituem
a sanção das leis divinas impostas à humanidade".**

Bezerra de Menezes, cap. LXXXIV, *Estudos Filosóficos*, Edicel, São Paulo, Brasil, 1977.

Pesquisa, Planejamento, Composição e Diagramação: **Elio Mollo**

CASTIGOS, SIM. PENAS ETERNAS, NÃO.

TEXTOS EXTRAÍDOS DA CODIFICAÇÃO QUE JUSTIFICAM OS CASTIGOS DIVINOS E QUE PODEM SER TEMPORÁRIOS, OU SEJA:

"O homem sofre sempre a consequência de suas faltas; não há uma só infração à lei de Deus que fique sem a correspondente punição. A severidade do castigo é proporcionada à gravidade da falta. Indeterminada é a duração do castigo, para qualquer falta; fica subordinada ao arrependimento do culpado e ao seu retorno a senda do bem; a pena dura tanto quanto a obstinação no mal; seria perpétua, se perpétua fosse a obstinação; dura pouco, se pronto é o arrependimento. Desde que o culpado clame por misericórdia, Deus o ouve e lhe concede a esperança. Mas, não basta o simples pesar do mal causado; é necessária a reparação, pelo que o culpado se vê submetido a novas provas em que pode, sempre por sua livre vontade, praticar o bem, reparando o mal que haja feito .

«O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO - CAPÍTULO XXVII - Pedi e obtereis - item 21

MAS, QUE REPELEM AS PENAS ETERNAS.

“Que é o castigo? A consequência natural, derivada desse falso movimento; uma certa soma de dores necessária a desgostá-lo da sua deformidade, pela experimentação do sofrimento. O castigo é o agulhão que estimula a alma, pela amargura, a se do brar sobre si mesma e a buscar o porto de salvação. O castigo só tem por fim a reabilitação, a redenção . Querê-lo eterno, por uma falta não eterna, é negar-lhe toda a razão de ser.

“Oh! Em verdade vos digo, cessai, cessai de pôr em paralelo, na sua eternidade, o Bem, essência do Criador, com o Mal, essência da criatura. Fora criar uma penalidade injustificável. Afirmar, ao contrário, o abrandamento gradual dos castigos e das penas pelas transgressões e consagrareis a unidade divina, tendo unidos o sentimento e a razão.”

Comunicação de Paulo, Apóstolo dada na questão 1009 de «O LIVRO DOS ESPÍRITOS»

Castigos sim, penas eternas não.

EXPIAÇÃO, pena que sofrem os Espíritos como punição das faltas cometidas durante a vida corporal. A expiação, sofrimento moral, ocorre no estado de erraticidade, como o sofrimento físico ocorre no estado corporal. As vicissitudes e os tormentos da vida corporal são ao mesmo tempo, provas para o futuro e expiação do passado.

Texto extraído do livro "Instruções práticas sobre as Manifestações Espíritas", obra de Allan Kardec

Textos extraídos de "O Livro dos Espíritos", obra codificada por Allan Kardec

178. Podem os Espíritos encarnar em um mundo relativamente inferior a outro onde já viveram?

"Sim, quando em missão, com o objetivo de auxiliarem o progresso, caso em que aceitam alegres as tribulações de tal existência, por lhes proporcionar meio de se adiantarem."

178a) - Mas, não pode dar-se também por expiação? Não pode Deus degradar para mundos inferiores Espíritos rebeldes?

"Os Espíritos podem conservar-se estacionários, mas não retrogradam. Em caso de estacionamento, a punição deles consiste em não avançarem, em recomeçarem, no meio conveniente à sua natureza, as existências mal empregadas."

178b) - Quais os que têm de recomeçar a mesma existência?

"Os que faliram em suas missões ou em suas provas."

195. A possibilidade de se melhorarem noutra existência não será de molde a fazer que certas pessoas perseverem no mau caminho, dominadas pela idéia de que poderão corrigir-se mais tarde?

"Aquele que assim pensa em nada crê e a idéia de um castigo eterno não o refrearia mais do que qualquer outra, porque sua razão a repele, e semelhante idéia induz à incredulidade a respeito de tudo. Se unicamente meios racionais se tivessem empregado para guiar os homens, não haveria tantos cépticos. De fato, um Espírito imperfeito poderá, durante a vida corporal, pensar como dizes; mas, liberto que se veja da matéria, pensará de outro modo, pois logo verificará que fez cálculo erra do e, então, sentimento oposto a esse trará ele para a sua nova existência. É assim que se efetua o progresso e essa a razão por que, na Terra os homens são desigualmente adiantados. Uns já dispõem de experiência que a outros falta, mas que adquirirão pouco a pouco. Deles depende o acelerar-se-lhes o progresso ou retardar-se indefinidamente."

O homem, que ocupa uma posição má, deseja trocá-la o mais depressa possível. Aquele, que se acha persuadido de que as tribulações da vida terrena são conseqüência de suas imperfeições, procurará garantir para si uma nova existência menos penosa e esta idéia o desviará mais depressa da senda do mal do que a do fogo eterno, em que não acredita.

199. Por que tão freqüentemente a vida se interrompe na infância?

"A curta duração da vida da criança pode representar, para o Espírito que a animava, o complemento de existência precedentemente interrompida antes do momento em que devera terminar, e sua morte, também não raro, constitui provação ou expiação para os pais."

224. Que é a alma no intervalo das encarnações?

"Espírito errante, que aspira a novo destino, que espera."

224a) - Quanto podem durar esses intervalos?

"Desde algumas horas até alguns milhares de séculos. Propriamente falando, não há extremo limite estabelecido para o estado de erraticidade, que pode prolongar-se muitíssimo, mas que nunca é perpétuo. Cedo ou tarde, o Espírito terá que volver a uma existência apropriada a purificá-lo das máculas de suas existências precedentes."

224b) - Essa duração depende da vontade do Espírito, ou lhe pode ser imposta como expiação?

"É uma conseqüência do livre-arbítrio. Os Espíritos sabem perfeitamente o que fazem. Mas, também, para alguns, constitui uma punição que Deus lhes inflige. Outros pedem que ela se prolongue, a fim de continuarem estudos que só na condição de Espírito livre podem efetuar-se com proveito."

231. São felizes ou desgraçados os Espíritos errantes?

"Mais ou menos, conforme seus méritos. Sofrem por efeito das paixões cuja essência conservaram, ou são felizes, de conformidade com o grau de desmaterialização a que hajam chegado."

Na erraticidade, o Espírito percebe o que lhe falta para ser mais feliz e, desde então, procura os meios de alcançá-lo. Nem sempre, porém, é permitido reencarnar como fora de seu agrado, representando isso, para ele, uma **punição**.”

DA VIDA ESPÍRITA

Escolha das provas

258. Quando na erraticidade, antes de começar nova existência corporal, tem o Espírito consciência e previsão do que lhe sucederá no curso da vida terrena?

“Ele próprio escolhe o gênero de provas por que há de passar e nisso consiste o seu livre-arbítrio.”

258a) - Não é Deus, então, quem lhe impõe as tribulações da vida, como castigo?

“**Nada ocorre sem a permissão de Deus**, porquanto **foi Deus quem estabeleceu todas as leis que regem o Universo**. Ide agora perguntar por que decretou Perguntai, então, porque Ele fez tal lei ao invés de outra. Dando ao Espírito a liberdade de escolher, Deus lhe deixa a inteira responsabilidade de seus atos e das conseqüências que estes tiverem. Nada lhe estorva o futuro; abertos se lhe acham, assim, o caminho do bem, como o do mal. Se vier a sucumbir, restar -lhe-á a consolação de que nem tudo se lhe acabou e que a bondade divina lhe concede a liberdade de recomeçar o que foi mal feito. Demais, cumpre se distingua o que é obra da vontade de Deus do que o é da do homem. Se um perigo vos ameaça, **não fostes vós quem o criou e sim Deus**. Vosso, porém, foi o desejo de a ele vos expordes, por haverdes visto nisso um meio de progredirdes, e **Deus o permitiu**.”

262. Como pode o Espírito, que, em sua origem, é simples, ignorante e carecido de experiência, escolher uma existência com conhecimento de causa e ser responsável por essa escolha?

“Deus lhe supre a inexperiência, traçando-lhe o caminho que deve seguir, como fazeis com a criancinha. Deixa-o, porém, pouco a pouco, à medida que o seu livre-arbítrio se desenvolve, senhor de proceder à escolha e só então é que muitas vezes lhe acontece extraviar -se, tomando o mau caminho, por desatender os conselhos dos bons Espíritos. A isso é que se pode chamar a queda do homem.”

262a) - Quando o Espírito goza do livre-arbítrio, a escolha da existência corporal dependerá sempre exclusivamente de sua vontade, ou essa existência lhe pode ser imposta, como expiação, pela vontade de Deus?

“**Deus** sabe esperar, não apressa a **expiação**. Todavia, **pode impor certa existência a um Espírito**, quando este, pela sua inferioridade ou má-vontade, não se mostra apto a compreender o que lhe seria mais útil, e quando vê que tal existência servirá para a purificação e o progresso do Espírito, ao mesmo tempo que

263. O Espírito faz a sua escolha logo depois da morte?

“Não, muitos acreditam na eternidade das penas, o que, como já se vos disse, **é um castigo**.”

264. Que é o que dirige o Espírito na escolha das provas que queira sofrer?

“Ele escolhe, de acordo com a natureza de suas faltas, as que o levem à **expiação** destas e a progredir mais depressa. Uns, portanto, impõem a si mesmos uma vida de misérias e privações, objetivando suportá-las com coragem; outros preferem experimentar as tentações da riqueza e do poder, muito mais perigosas, pelos abusos e má aplicação a que podem dar lugar, pelas paixões inferiores que uma e outros desenvolvem; muitos, finalmente, se decidem a experimentar suas forças nas lutas que terão de sustentar em contato com o vício.”

273. Será possível que um homem de raça civilizada reencarne, por exemplo, numa raça de selvagens?

“É; mas depende do gênero da **expiação**. Um senhor, que tenha sido de grande crueldade para os seus escravos, poderá, por sua vez, tornar-se escravo e sofrer os maus tratos que infligiu a seus semelhantes. Um, que em certa época exerceu o mando, pode, em nova existência, ter que obedecer aos que se curvaram ante a sua vontade. **Ser-lhe-á isso uma expiação, que Deus lhe imponha**, se ele abusou do seu poder. Também um bom Espírito pode querer encarnar no seio daquelas raças, ocupando posição influente, para fazê-las progredir. Em tal caso, desempenha uma missão.”

295. Que sentimento anima, depois da morte, aqueles a quem fizemos mal neste mundo?

“Se são bons, eles vos perdoam, segundo o vosso arrependimento. Se maus, é possível que guardem ressentimento do mal que lhes fizestes e vos persigam até, não raro, em outra existência. **Deus pode permitir que assim seja, por castigo**.”

313. O homem, que neste mundo foi feliz, deplora a felicidade que perdeu, deixando a Terra?

“Só os Espíritos inferiores podem sentir saudades de gozos condizentes com uma natureza impura qual a deles, **gozos que lhes acarretam a expiação pelo sofrimento**. Para os Espíritos elevados, a felicidade eterna é mil vezes preferível aos prazeres efêmeros da Terra.”

Exatamente como sucede ao homem que, na idade da maturidade, nenhuma importância liga ao que tanto o deliciava na infância.

328. O Espírito daquele que acaba de morrer assiste à reunião de seus herdeiros?

“Quase sempre. **Para seu ensinamento e castigo dos culpados, Deus permite que assim aconteça**. Nessa ocasião, o Espírito julga do valor dos protestos que lhe faziam. Todos os sentimentos se lhe patenteiam e a decepção que lhe causa a rapacidade dos que entre si partilham os bens por ele deixados o esclarece acerca daqueles sentimentos. Chegará, porém, a vez dos que lhe motivam essa decepção.”

331. Todos os Espíritos se preocupam com a sua reencarnação?

“Muitos há que em tal coisa não pensam, que nem sequer a compreendem. Depende de estarem mais ou menos adiantados. Para alguns, **a incerteza em que se acham do futuro que os aguarda constitui punição**.”

337. Pode a união do Espírito a determinado corp o se imposta por Deus?

“Certo, do mesmo modo que as diferentes provas, mormente quando ainda o Espírito não está apto a proceder a uma escolha com conhecimento de causa. **Por expiação, pode o Espírito ser constrangido a se unir ao corpo de determinada criança que, pelo seu nascimento e pela posição que venha a ocupar no mundo, se lhe torne instrumento de castigo**.”

372. Que objetivo visa a providência criando seres desgraçados, como os cretinos e os idiotas?

“Os que habitam corpos de idiotas são Espíritos sujeitos a uma punição. Sofrem por efeito do constrangimento que experimentam e da impossibilidade em que estão de se manifestarem mediante órgãos não desenvolvidos ou desmantelados.”

574. Qual pode ser, na Terra, a missão das criaturas voluntariamente inúteis?

“Há efetivamente pessoas que só para si mesmas vivem e que não sabem tornar -se úteis ao que quer que seja. São pobres seres dignos de compaixão, **porquanto expiarão duramente sua voluntária inutilidade, começando-lhes muitas vezes, já nesse mundo, o castigo, pelo aborrecimento e pelo desgosto que a vida lhes causa**.”

574a) - Pois que lhes era facultada a escolha, por que preferiram uma existência que nenhum proveito lhes traria?

“Entre os Espíritos também há preguiçosos que recuam diante de uma vida de labor. Deus consente que assim procedam. Mais tarde compreenderão, à própria custa, os inconvenientes da inutilidade a que se votaram e serão os primeiros a pedir que se lhes conceda recuperar o tempo perdido. Pode também acontecer que tenham escolhido uma vida útil e que hajam recuado diante da execução da obra, deixando-se levar pelas sugestões dos Espíritos que os induzem a permanecer na ociosidade.”

614. Que se deve entender por lei natural?

“**A lei natural é a lei de Deus**. É a única verdadeira para a felicidade do homem. Indica-lhe o que deve fazer ou deixar de fazer e **ele só é infeliz quando dela se afasta**.”

615. É eterna a lei de Deus?

“**Eterna e imutável como o próprio Deus**.”

616. Será possível que Deus em certa época haja prescrito aos homens o que noutra época lhes proibiu?

“Deus não se engana. Os homens é que são obrigados a modificar suas leis, por imperfeitas. **As de Deus, essas são perfeitas**. A harmonia que reina no universo material, como no universo moral, se funda **em leis estabelecidas por Deus** desde toda a eternidade.”

633. A regra do bem e do mal, que se poderia chamar de reciprocidade ou de solidariedade, é inaplicável ao proceder pessoal do homem para consigo mesmo. Achará ele, na lei natural, a regra desse proceder e um guia seguro?

“Quando comeis em excesso, verificais que isso vos faz mal. Pois bem, é **Deus quem vos dá a medida** daquilo de que necessitais. **Quando excedeis dessa medida, sois punidos**. Em tudo é assim. A lei natural traça para o homem o limite das suas necessidades. **Se ele ultrapassa esse limite, é punido pelo**

sofrimento. Se atendesse sempre à voz que lhe diz - basta, evitaria a maior parte dos males, cuja culpa lança à Natureza.”

639. Não sucede freqüentemente resultar o mal, que o homem pratica, da posição em que os outros homens o colocam? Quais, nesse caso, os culpados?

*“O mal recai sobre quem lhe foi o causador. Nessas condições, aquele que é levado a praticar o mal pela posição em que seus semelhantes o colocam tem menos culpa do que os que, assim procedendo, o ocasionaram. Porque, **cada um será punido**, não só pelo mal que haja feito, mas também pelo mal a que tenha dado lugar.”*

663. Podem as preces, que por nós mesmos fizemos, mudar a natureza das nossas provas e desviar-lhes o curso?

*“**As vossas provas estão nas mãos de Deus** e algumas há que têm de ser suportadas até ao fim; mas, Deus sempre leva em conta a resignação. A prece traz para junto de vós os bons Espíritos e, dando-vos estes a força de suportá-las corajosamente, menos rudes elas vos parecem. Hemos dito que a prece nunca é inútil, quando bem feita, porque fortalece aquele que ora, o que já constitui grande resultado. Ajuda-te a ti mesmo e o céu te ajudará, bem o sabes. Demais, **não é possível que Deus mude a ordem da Natureza ao sabor de cada um**, porquanto o que, do vosso ponto de vista mesquinho e do da vossa vida efêmera, vos parece um grande mal é quase sempre um grande bem na ordem geral do Universo. Além disso, de quantos males não se constitui o homem o próprio autor, pela sua imprevidência ou pelas suas faltas? **Ele é punido naquilo em que pecou**. Todavia, as súplicas justas são atendidas mais vezes do que supondes. Julgais, de ordinário, que Deus não vos ouviu, porque não fez a vosso favor um milagre, enquanto que vos assiste por meios tão naturais que vos parecem obra do acaso ou da força das coisas. Muitas vezes também, as mais das vezes mesmo, ele vos sugere a idéia que vos fará sair da dificuldade pelo vosso próprio esforço.”*

709. Terão cometido crime os que, em certas situações críticas, se viram na contingência de sacrificar seus semelhantes, para matar a fome? Se houve crime, não teve este a atenuação da necessidade de viver, que resulta do instinto de conservação?

*“Já respondi, quando disse que há mais merecimento em sofrer todas as provações da vida com coragem e abnegação. Em tal caso, há homicídio e crime de lesa-natureza, **falta que é duplamente punida**.”*

713. Traçou a Natureza limites aos gozos?

*“Traçou, para vos indicar o limite do necessário. Mas, pelos vossos excessos, chegais à saciedade e **vos punis a vós mesmos**.”*

714. Que se deve pensar do homem que procura nos excessos de todo gênero o requinte dos gozos?

“Pobre criatura! Mais digna é de lástima que de inveja, pois bem perto está da morte!”

714a) - Perto da morte física, ou da morte moral?

“De ambas.”

O homem, que procura nos excessos de todo gênero o requinte do gozo, coloca-se abaixo do bruto, pois que este sabe deter-se, quando satisfeita a sua necessidade, abdica da razão que Deus lhe deu por guia e quanto maiores forem seus excessos, tanto maior preponderância confere ele à sua natureza animal sobre a sua natureza espiritual. **As doenças, são, ao mesmo tempo, o castigo à transgressão da lei de Deus.**

717. Que se há de pensar dos que açambarcam os bens da Terra para se proporcionarem o supérfluo, com prejuízo daqueles a quem falta o necessário?

*“Olvidam **a lei de Deus** e terão que responder pela privações que houverem causado aos outros.”*

Nada tem de absoluto o limite entre o necessário e o supérfluo. A Civilização criou necessidades que o selvagem desconhece e os Espíritos que ditaram os preceitos acima não pretendem que o homem civilizado deva viver como o selvagem. Tudo é relativo, cabendo à razão reger as coisas. A Civilização desenvolve o senso moral e, ao mesmo tempo, o sentimento de caridade, que leva os homens a se prestarem mútuo apoio. Os que vivem à custa das privações dos outros exploram, em seu proveito, os benefícios da Civilização. Desta têm apenas o verniz, como muitos há que da religião só têm a máscara.

738. Para conseguir a melhora da Humanidade, não podia Deus empregar outros meios que não os flagelos destruidores?

*“Pode e os emprega todos os dias, pois que deu a cada um os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal. O homem, porém, não se aproveita desses meios. **Necessário, portanto, se torna que seja castigado no seu orgulho e que se lhe faça sentir a sua fraqueza**.”*

764. Disse Jesus: Quem matou com a espada, pela espada perecerá. Estas palavras não consagram a pena de talião e, assim a morte dada ao assassino não constitui uma aplicação dessa pena?

“Tomai cuidado! Muito vos tendes enganado a respeito dessas palavras, como acerca de outras. A pena de talião é a justiça de Deus. É Deus quem a aplica. Todos vós sofreis essa pena a cada instante, pois que sois punidos naquilo em que haveis pecado, nesta existência ou em outra. Aquele que foi causa do sofrimento para seus semelhantes virá a achar-se numa condição em que sofrerá o que tenha feito sofrer. Este o sentido das palavras de Jesus. Mas, não vos disse ele também: Perdoai aos vossos inimigos? E não vos ensinou a pedir a Deus que vos perdoe as ofensas como houverdes vós mesmos perdoado, isto é, na mesma proporção em que houverdes perdoado, compreendei-o bem?”

781. Tem o homem o poder de paralisar a marcha do progresso?

“Não, mas tem, às vezes, o de embaraçá-la.”

781a) - Que se deve pensar dos que tentam deter a marcha do progresso e fazer que a Humanidade retrograde?

“Pobres seres, que Deus castigará! Serão levados de roldão pela torrente que procuram deter.”

Sendo o progresso uma condição da natureza humana, não está no poder do homem opor-se-lhe. É uma força viva, cuja ação pode ser retardada, porém não anulada, por leis humanas más. Quando estas se tornam incompatíveis com ele, despedaça-as juntamente com os que se esforçam por mantê-las. Assim será, até que o homem tenha posto suas leis em concordância com a justiça divina, que quer que todos participem do bem e não a vigência de leis feitas pelo forte em detrimento do fraco.

783. Segue sempre marcha progressiva e lenta o aperfeiçoamento da Humanidade?

“Há o progresso regular e lento, que resulta da força das coisas. Quando, porém, um povo não progride tão depressa quanto devera, Deus o sujeita, de tempos a tempos, a um abalo físico ou moral que o transforma.”

807. Que se deve pensar dos que abusam da superioridade de suas posições sociais, para, em proveito próprio, oprimir os fracos?

“Merecem anátema! Ai deles! Serão, a seu turno, oprimidos: renascerão numa existência em que terão de sofrer tudo o que tiverem feito sofrer aos outros.” (684)

808. A desigualdade das riquezas não se originará das faculdades, em virtude da qual uns dispõem de mais meios de adquirir bens do que outros?

“Sim e não. Da velhacaria e do roubo, que dizeis?”

808a) - Mas, a riqueza herdada, essa não é fruto de paixões más.

“Que sabes a esse respeito? Busca a fonte de tal riqueza e verás que nem sempre é pura. Sabes, porventura, se não se originou de uma espoliação ou de uma injustiça? Mesmo, porém, sem falar da origem, que pode ser má, acreditas que a cobiça da riqueza, ainda quando bem adquirida, os desejos secretos de possuí-la o mais depressa possível, sejam sentimentos louváveis? Isso o que Deus julga e eu te asseguro que o Seu juízo é mais severo que o dos homens.”

847. Da aberração das faculdades tira ao homem o livre-arbítrio?

“Já não é senhor do seu pensamento aquele cuja inteligência se ache turbada por uma causa qualquer e, desde então, já não tem liberdade. Essa aberração constitui muitas vezes uma punição para o Espírito que, porventura, tenha sido, noutra existência, fútil e orgulhoso, ou tenha feito mau uso de suas faculdades. Pode esse Espírito, em tal caso, renascer no corpo de um idiota, como o déspota no de um escravo e o mau rico no de um mendigo. O Espírito, porém, sofre e por efeito desse constrangimento, de que tem perfeita consciência. Está aí a ação da matéria.” (371 e seguintes)

855. Com que fim nos faz a Providência correr perigos que nenhuma consequência devem ter?

“O fato de ser a tua vida posta em perigo constitui um aviso que tu mesmo desejava, a fim de te desviares do mal e te tornares melhor. Se escapas desse perigo, quando ainda sob a impressão do risco que correste, de te melhorares, conforme seja mais ou menos forte sobre ti a influência dos Espíritos bons. Sobrevindo o mau Espírito (digo mau, subentendendo o mal que ainda existe nele), entras a pensar que do mesmo modo escaparás a outros perigos e deixas que de novo tuas paixões se desencadeiem. Por meio dos perigos que correis, Deus vos lembra a vossa fraqueza e a fragilidade da vossa existência. Se examinardes a causa e a natureza do perigo, verificareis que, quase sempre, suas consequências teriam sido a punição de uma falta cometida ou da negligência no cumprimento de um dever. Deus, por essa forma, exorta o Espírito a cair em si e a se emendar.” (526-532)

901. Figuremos dois avarentos, um dos quais nega a si mesmo o necessário e morre de miséria sobre o seu tesouro, ao passo que o segundo só o é para os outros, mostrando -se pródigo para consigo mesmo; enquanto recua ante o mais ligeiro sacrifício para prestar um serviço ou fazer qualquer coisa útil, nunca julga demasiado o que dependa para satisfazer aos seus gostos ou às suas paixões. Peça -se-lhe um obséquio e estará sempre em dificuldade para fazê-lo; imagine, porém, realizar uma fantasia e terá sempre o bastante para isso. Qual o mais culpado e qual o que se achará em pior situação no mundo dos Espíritos?

“O que goza, porque é mais egoísta do que avarento. O outro já recebeu parte do seu castigo.”

921. Concebe-se que o homem será feliz na Terra, quando a Humanidade estiver transformada. Mas, enquanto isso se não verifica, poderá conseguir uma felicidade relativa?

“O homem é quase sempre o obreiro da sua própria infelicidade. Praticando a lei de Deus, a muitos males se forrará e proporcionará a si mesmo felicidade tão grande quanto o comporte a sua existência grosseira.”

Aquele que se acha bem compenetrado de seu destino futuro não vê na vida corporal mais do que uma estação temporária, uma como parada momentânea em péssima hospedaria. Facilmente se consola de alguns aborrecimentos passageiros de uma viagem que o levará a tanto melhor posição, quanto melhor tenha cuidado dos preparativos para empreendê-la. Já nesta vida somos punidos pela infrações, que cometemos, das leis que regem a existência corpórea, sofrendo os males conseqüentes dessas mesmas infrações e dos nossos próprios excessos. Se, gradativamente, remontarmos à origem do que chamamos as nossas desgraças terrenas, veremos que, na maioria dos casos, elas são a conseqüência de um primeiro afastamento nosso do caminho reto. Desviando -nos deste, enveredamos por outro, mau, e, de conseqüência em conseqüência, caímos na desgraça.

939. Uma vez que os Espíritos simpáticos são induzidos a unir -se, como é que, entre os encarnados, freqüentemente só de um lado há afeição e que o mais sincero amor se vê acolhido com indiferença e, até, com repulsão? Como é, além disso, que a mais viva afeição de dois seres pode mudar -se em antipatia e mesmo em ódio?

“Não compreendes então que isso constitui uma punição, se bem que passageira? Depois, quantos não são os que acreditam amar perdidamente, porque apenas julgam pelas aparências, e que, obrigados a viver com as pessoas amadas, não tardam a reconhecer que só experi mentaram um encantamento material! Não basta uma pessoa estar enamorada de outra que lhe agrada e em quem supõe belas qualidades. Vivendo realmente com ela é que poderá apreciá -la. Tanto assim que, em muitas uniões, que a princípio parecem destinadas a nunca ser simpáticas, acabam os que as constituíram, depois de se haverem estudado bem e de bem se conhecerem, por votar -se, reciprocamente, duradouro e terno amor, porque assente na estima! Cumpra não se esqueça de que é o Espírito quem ama e não o corpo, de sorte que, dissipada a ilusão material, o Espírito vê a realidade. “Duas espécies há de afeição: a do corpo e a da alma, acontecendo com freqüência tomar -se uma pela outra. Quando pura e simpática, a afeição da alma é duradoura; efêmera a do corpo. Daí ve m que, muitas vezes, os que julgavam amar -se com eterno amor passam a odiar -se, desde que a ilusão se desfaça.”

948. É tão reprovável, como o que tem por causa o desespero, o suicídio daquele que procura escapar à vergonha de uma ação má?

“O suicídio não apaga a falta. Ao contrário, em vez de uma, haverá duas. Quando se teve a coragem de praticar o mal, é preciso ter -se a de lhe sofrer as conseqüências. Deus, que julga, pode, conforme a causa, abrandar os rigores de Sua justiça.”

952. Comete suicídio o homem que perece vítima de paixões que ele sabia lhe haviam de apressar o fim, porém a que já não podia resistir, por havê -las o hábito mudado em verdadeiras necessidades físicas?

“É um suicídio moral. Não percebeis que, nesse caso, o homem é duplamente culpa do? Há nele então falta de coragem e bestialidade, acrescidas do esquecimento de Deus.”

952a) - Será mais, ou menos, culpado do que o que tira a si mesmo a vida por desespero?

“É mais culpado, porque tem tempo de refletir sobre o seu suicídio. Naquele que o faz instantaneamente, há, muitas vezes, uma espécie de desvairamento, que alguma coisa tem da loucura. O outro será muito mais punido, por isso que as penas são proporcionadas sempre à consciência que o culpado tem das faltas que comete.”

957. Quais, em geral, com relação ao estado do Espírito, as conseqüências do suicídio?

“Muito diversas são as conseqüências do suicídio. Não há penas determinadas e, em todos os casos, correspondem sempre às causas que o produziram. Há, porém, uma conseqüência a que o suicida não pode escapar; é o desapontamento. Mas, a sorte não é a mesma para todos; depende das

circunstâncias. Alguns expiam a falta imediatamente, outros em nova existência, que será pior do que aquela cujo curso interromperam.”

962. Como pode haver cépticos, uma vez que a alma traz ao homem o sentimento das coisas espirituais?

“Eles são em número muito menor do que se julga. Muitos se fazem de espíritos fortes, durante a vida, somente por orgulho. No momento da morte, porém, deixam de ser fanfarrões.”

A responsabilidade dos nossos atos é a conseqüência da realidade da vida futura. Dizem -nos a razão e a justiça que, na partilha da felicidade a que todos aspiram, não podem estar confundidos os bons e os maus. Não é possível que Deus queira que uns gozem, sem trabalho, de bens que outros só alcançam com esforço e perseverança. A idéia que, mediante a sabedoria de Suas leis, Deus nos dá de Sua justiça e de Sua bondade, não nos permite acreditar que o justo e o mau estejam na mesma categoria a Seus olhos, nem duvidar de que recebam, algum dia, um a recompensa, o castigo o outro, pelo bem ou pelo mal que tenham feito. Por isso é que o sentimento inato que temos da justiça nos dá a intuição das penas e recompensas futuras.

964. Mas, será necessário que Deus aten te em cada um dos nossos atos, para nos recompensar ou punir? Esses atos não são, na sua maioria, insignificantes para Ele?

“Deus tem Suas leis a regerem todas as vossas ações. Se as violais, vossa é a culpa. Indubitavelmente, quando um homem comete um excesso qualquer, Deus não profere contra ele um julgamento, dizendo-lhe, por exemplo: Foste guloso, vou punir-te. Ele traçou um limite; as enfermidades e muitas vezes a morte são a conseqüência dos excessos. Eis aí a punição; é o resultado da infração da lei. Assim em tudo.”

Todas as nossas ações estão submetidas às leis de Deus. Nenhuma há, por mais insignificante que nos pareça, que não possa ser uma violação daquelas leis. Se sofremos as conseqüências dessa violação, só nos devemos queixar de nós mesmos, que desse modo nos fazemos os causadores da nossa felicidade, ou da nossa infelicidade futuras. Esta verdade se torna evidente por meio do apólogo seguinte: “Um pai deu a seu filho educação e instrução, isto é, os meios de se guiar. Cede -lhe um campo para que o cultive e lhe diz: Aqui estão a regra que deves seguir e todos os instrumentos necessários a tornares fértil este campo e assegurares a tua existência. Dei-te a instrução, para compreenderes esta regra. Se a seguires, teu campo produzirá muito e te proporcionará o repouso na velhice. Se a desprezares, nada produzirá e morrerás de fome. Dito isso, deixa -o proceder livremente.” Não é verdade que esse campo produzirá na razão dos cuidados que forem dispensados à sua cultura e que toda negligência redundará em prejuízo da colheita? Na velhice, portanto, o filho será ditoso, ou desgraçado, conforme haja seguido ou não a regra que seu pai lhe traçou. Deus ainda é mais providente, pois que nos adverte, a cada instante, de que estamos fazendo bem ou mal. Envia -nos os Espíritos para nos inspirarem, porém não os escutamos. Há mais esta diferença: Deus faculta sempre ao homem, concedendo-lhe novas existências, recursos para reparar seus erros passados, enquanto ao filho de quem falamos, se empregou mal o seu tempo, nenhum recurso resta.

973. Quais os sofrimentos maiores a que os Espíritos maus se vêem sujeitos?

“Não há descrição possível das torturas morais que constituem a punição de certos crimes. Mesmo o que as sofre teria dificuldade em vos dar delas uma idéia. Indubitavelmente, porém, a mais horrível consiste em pensarem que estão condenados sem remissão.”

Das penas e gozos da alma após a morte forma o homem idéia mais ou menos elevada, conforme o estado de sua inteligência. Quanto mais ele se desenvolve, tanto mais essa idéia se apura e se escoima da matéria; compreende as coisas de um ponto de vista mais racional, deixando de tomar ao pé da letra as imagens de uma linguagem figurada. Ensinando-nos que a alma é um ser todo espiritual, a razão, mais esclarecida, nos diz, por isso mesmo, que ela não pode ser atingida pelas impressões que apenas sobre a matéria atuam. Não se segue, porém, daí que esteja isenta de sofrimentos, nem que não receba o castigo de suas faltas. (237) As comunicações espíritas tiveram como resultado, mostrar o estado futuro da alma, não mais em teoria, porém na realidade. Põem -nos diante dos olhos todas as peripécias da vida de além-túmulo. Ao mesmo tempo, entretanto, no-las mostram como conseqüências perfeitamente lógicas da vida terrestre e, embora despojadas do aparato fantástico que a imaginação dos homens criou, não são menos pessoais para os que fizeram mau uso de suas faculdades. Infinita é a variedade dessas conseqüências. Mas, em tese geral, pode -se dizer: cada um é punido por aquilo em que pecou. Assim é que uns o são pela visão incessante do mal que fizeram; outros, pelo pesar, pelo temor, pela vergonha, pela dúvida, pelo insulamento, pelas trevas, pela separação dos entes que lhes são caros, etc.

975. Os Espíritos inferiores compreendem a felicidade do justo?

“Sim, e isso lhes é um suplício, porque compreendem que estão dela privados por sua culpa. Daí resulta que o Espírito, liberto da matéria, aspira à nova vida corporal, pois que cada existência, se for bem empregada, abrevia um tanto a duração desse suplício. É então que procede à escolha das provas por meio das quais possa expiar suas faltas. Porque, ficai sabendo, o Espírito sofre por todo o mal que praticou, ou de que foi causa voluntária, por todo o bem que houvera podido fazer e não fez e por todo o mal que decorra de não haver feito o bem. “Para o Espírito errante, já não há véus. Ele se acha como

tendo saído de um nevoeiro e vê o que o distancia da felicidade. Mais *sofre então, porque compreende quanto foi culpado*. Não tem mais ilusões: *vê as coisas na sua realidade*.”

Na erraticidade, o Espírito descortina, de um lado, todas as suas existências passadas; de outro, o futuro que lhe está prometido e percebe o que lhe falta para atingi-lo. É qual viajor que chega ao cume de uma montanha: vê o caminho que percorreu e o que lhe resta percorrer, a fim de chegar ao fim da sua jornada.

977. Não podendo os Espíritos ocultar reciprocamente seus pensamentos e sendo conhecidos todos os atos da vida, dever-se-á deduzir que o culpado está perpetuamente em presença de sua vítima?

“Não pode ser de outro modo, di-lo o bom-senso.”

977a) - Serão um castigo para o culpado essa divulgação de todos os nossos atos reprováveis e a presença constante dos que deles foram vítimas?

“Maior do que se pensa, mas tão-somente até que o culpado tenha expiado suas faltas, quer como Espírito, quer como homem, em novas existências corpóreas.”

Quando nos achamos no mundo dos Espíritos, estando patente todo o nosso passado, o bem e o mal que houvermos feito serão igualmente conhecidos. Em vão, aquele que haja praticado o mal tentará escapar ao olhar de suas vítimas: a presença inevitável destas lhe será um castigo e um remorso incessante, até que haja expiado seus erros, ao passo que o homem de bem por toda parte só encontra olhares amigos e benevolentes. Para o mau, não há maior tormento, na Terra, do que a presença de suas vítimas, razão pela qual as evita continuamente. Que será quando, dissipada a ilusão das paixões, compreender o mal que fez, vir patenteados os seus atos mais secretos, desmascarada a sua hipocrisia e não puder subtrair-se à visão delas? Enquanto a alma do homem perverso é presa da vergonha, do pesar e do remorso, a do justo goza perfeita serenidade.

979. Não serão, para a alma, causa de penosa apreensão, que lhe altera a felicidade, as provas por que ainda tenha de passar para acabar a sua purificação?

“Para a alma ainda maculada, são. Daí vem que ela não pode gozar de felicidade perfeita, senão quando esteja completamente pura. Para aquela, porém, que já se elevou, nada tem de penoso o pensar nas provas que ainda haja de sofrer.”

984. As vicissitudes da vida são sempre a punição das faltas atuais?

“Não; já dissemos: são provas impostas por Deus, ou que vós mesmos escolhestes como Espíritos, antes de encarnardes, para expiação das faltas cometidas em outra existência, porque *jamais fica impune a infração das leis de Deus e, sobretudo, da lei de justiça*. Se não for punida nesta existência, sê-lo-á necessariamente noutra. Eis porque um, que vos pa rece justo, muitas vezes sofre. *É a punição do seu passado*.” (393)

987. Que sucede ao homem que, não fazendo o mal, também nada faz para libertar-se da influência da matéria?

“Pois que nenhum passo dá para a perfeição, tem que recomeçar uma existência de natureza idêntica à precedente. Fica estacionário, *podendo assim prolongar os sofrimentos da expiação*.”

995. Haverá Espíritos que, sem serem maus, se conservem indiferentes à sua sorte?

“Há Espíritos que de coisa alguma útil se ocupam. Estão na expectati va. Mas, nesse caso, *sofrem proporcionalmente*. Devendo em tudo haver progresso, neles *o progresso se manifesta pela dor*.”

995a) - Não desejam esses Espíritos abreviar seus sofrimentos?

“Desejam-no, sem dúvida, mas falta-lhes energia bastante para quererem o que os pode aliviar. Quantos indivíduos se contam, entre vós, que preferem morrer de miséria a trabalhar?”

1002. Que deve fazer aquele que, em artigo de morte, reconhece suas faltas, quando já não tem tempo de as reparar? Basta-lhe nesse caso arrepende-se?

“O arrependimento lhe apressa a reabilitação, mas não o absolve. Diante dele não se desdobra o futuro, que jamais se lhe tranca?”

Duração das penas futuras

1003. É arbitrária ou sujeita a uma lei qualquer a duração dos sofrimentos do culpado, na vida futura?

“Deus nunca obra caprichosamente e tudo, no Universo, se rege por leis, em que a Sua sabedoria e a Sua bondade se revelam.”

1004. Em que se baseia a duração dos sofrimentos do culpado?

“No tempo necessário a que se melhora. Sendo o estado de sofrimento ou de felicidade proporcionado ao grau de purificação do Espírito, a duração e a natureza de seus sofrimentos dependem

do tempo que ele gaste em melhorar-se. À medida que progride e que os sentimentos se lhe depuram, seus sofrimentos diminuem e mudam de natureza.”

SÃO LUÍS.

1006. Poderão durar eternamente os sofrimentos do Espírito?

“Poderiam, se ele pudesse ser eternamente mau, isto é, se jamais se arrependesse e melhorasse, sofreria eternamente. Mas, Deus não criou seres tendo por destino permanecer em votados perpetuamente ao mal. Apenas os criou a todos simples e ignorantes, tendo todos, no entanto, que progredir em tempo mais ou menos longo, conforme decorrer da vontade de cada um. Mais ou menos tardia pode ser a vontade, do mesmo modo que há crianças mais ou menos precoces, porém, cedo ou tarde, ela aparece, por efeito da irresistível necessidade que o Espírito sente de sair da inferioridade e de se tornar feliz. Eminentemente sábia e magnânima é, pois, a lei que rege a duração das penas, porquanto subordina essa duração aos esforços do Espírito. Jamais o priva do seu livre -arbitrio: **se deste faz ele mau uso, sofre as conseqüências.**”

SÃO LUÍS.

1008. Depende sempre da vontade do Espírito a duração das penas? Algumas não haverá que lhe sejam impostas por tempo determinado?

Sim, **ao Espírito podem ser impostas penas por determinado tempo**; mas, Deus, que só quer o bem de Suas criaturas, acolhe sempre o arrependimento e infrutífero jamais fica o desejo que o Espírito manifeste de se melhorar.”

SÃO LUÍS.

1009. Assim, as penas impostas jamais o são por toda a eternidade?

“Interrogai o vosso bom-senso, a vossa razão e perguntai-lhes se uma condenação perpétua, motivada por alguns momentos de erro, não seria a negação da bondade de Deus. Que é, com efeito, a duração da vida, ainda quando de cem anos, em face da eternidade? Eternidade! Compreendeis bem esta palavra? Sofrimentos, torturas sem-fim, sem esperanças, por causa de algumas faltas! O vosso juízo não repele semelhante idéia? Que os antigos tenham considerado o Senhor do Universo um Deus terrível, cioso e vingativo, concebe-se. Na ignorância em que se achavam, atribuíam à divindade as paixões dos homens. Esse, todavia, não é o Deus dos cristãos, que classifica como virtudes primordiais o amor, a caridade, a misericórdia, o esquecimento das ofensas. Poderia Ele carecer das qualidades, cuja posse prescreve, como um dever, às Suas criaturas? Não haverá contradição em se Lhe atribuir a bondade infinita e a vingança também infinita? Dizeis que, acima de tudo, El e é justo e que o homem não Lhe compreende a justiça. Mas, a justiça não exclui a bondade e Ele não seria bom, se condenasse a eternas e horríveis penas a maioria das suas criaturas. Teria o direito de fazer da justiça uma obrigação para Seus filhos, se lhes não desse meio de compreendê-la? Aliás, no fazer que a duração das penas dependa dos esforços do culpado não está toda a sublimidade da justiça unida à bondade? **Aí é que se encontra a verdade desta sentença:** “A cada um segundo as suas obras.”

SANTO AGOSTINHO.

“Aplicai-vos, por todos os meios ao vosso alcance, em combater, em aniquilar a idéia da eternidade das penas, idéia blasfematória da justiça e da bondade de Deus, gérmen fecundo da incredulidade, do materialismo e da indiferença que invadiram as massas humanas, desde que as inteligências começaram a desenvolver-se. O Espírito, prestes a esclarecer-se, ou mesmo apenas desbastado, logo lhe apreendeu a monstruosa injustiça. Sua razão a repele e, então, raro é que não englobe no mesmo repúdio a pena que o revolta e o Deus a quem a atribui. Daí os males sem conta que não desabado sobre vós e aos quais vimos trazer remédio. Tanto mais fácil será a tarefa que vos apontamos, quanto é certo que todas as autoridades em quem se apoiam os defensores de tal crença evitaram todas pronunciar-se formalmente a respeito. Nem os concílios, nem os Pais da Igreja resolveram essa grave questão. Muito embora, segundo os Evangelistas e tomadas ao pé da letra as palavras emblemáticas do Cristo, ele tenha ameaçado os culpados com um fogo que se não extingue, com um fogo eterno, absolutamente nada se encontra nas suas palavras capaz de provar que os haja condenado eternamente. “Pobres ovelhas desgarradas, aprendei a ver aproximar-se de vós o bom Pastor, que, longe de vos banir para todo o sempre de sua presença, vem pessoalmente ao vosso encontro, para vos reconduzir ao aprisco. Filhos pródigos, deixai o vosso voluntário exílio; encaminhai vossos passos para a morada paterna. O Pai vos estende os braços e está sempre pronto a festejar o vosso regresso ao seio da família.”

LAMENNAIS.

“Guerras de palavras! Guerras de palavras! Ainda não basta o sangue que tendes feito correr! Será ainda preciso que se reacendam as fogueiras? Discutem sobre palavras: eternidade das penas, eternidade dos castigos. Ignorais então que o que hoje entendeis por eternidade não é o que os antigos

entendiam e designavam por esse termo? Consulte o teólogo as fontes e lá descobrirá, como todos vós, que o texto hebreu não atribuía esta significação ao vocábulo que os gregos, os latinos e os modernos traduziram por penas sem-fim, irremissíveis. Eternidade dos castigos corresponde à eternidade do mal. Sim, **enquanto existir o mal entre os homens, os castigos subsistirão**. Importa que os textos sagrados se interpretem no sentido relativo. A eternidade das penas é, pois, relativa e não absoluta. **Chegue o dia em que todos os homens, pelo arrependimento, se revistam da túnica da inocência e desde esse dia deixará de haver gemidos e ranger de dentes**. Limitada tendes, é certo, a vossa razão humana, porém, tal como a tendes, ela é uma dádiva de Deus e, com auxílio dessa razão, nenhum homem de boa-fé haverá que de outra forma compreenda a eternidade dos castigos. Pois que! Fora necessário admitir -se por eterno o mal. Somente Deus é eterno e não poderia ter criado o mal eterno; do contrário, forçoso seria tirar -se-Lhe o mais magnífico dos Seus atributos: o soberano poder, porquanto não é soberanamente poderoso aquele que cria um elemento destruidor de suas obras. Humanidade! Humanidade! Não mergulhes mais os teus tristes olhares nas profundezas da Terra, procurando aí os castigos. Chora, espera, expia e refugia-te na idéia de um Deus intrinsecamente bom, absolutamente poderoso, essencialmente justo.”

PLATÃO.

“Gravitar para a unidade divina, eis o fim da Humanidade. Para atingi-lo, três coisas são necessárias: a Justiça, o Amor e a Ciência. Três coisas Lhe são opostas e contrárias: a ignorância, o ódio e a justiça. Pois bem! Digo-vos, em verdade, que mentis a estes princípios fundamentais, comprometendo a idéia de Deus, com o Lhe exagerardes a severidade. Duplamente a comprometeis, deixando que no Espírito da criatura penetre a suposição de que há nela mais clemência, mais virtude, amor e verdadeira justiça, do que atribuis ao Ser infinito. Destruís mesmo a idéia do inferno, tornando-o ridículo e inadmissível às vossas crenças, como o é aos vossos corações o horrendo espetáculo das execuções, das fogueiras e das torturas da Idade Média! Pois que! Quando banida se acha para sempre das legislações humanas a era das cegas represálias, é que esperais mantê-la no ideal? Oh! Crede-me, crede-me, irmãos em Deus e em Jesus-Cristo, crede-me: ou vos resignais a deixar que pereçam nas vossas mãos todos os vossos dogmas, de preferência a que se modifiquem, ou, então, vivificai-os, abrindo-os aos benfeitos eflúvios que os Bons, neste momento, derramam neles. A idéia do inferno, com as suas fornalhas ardentes, com as suas caldeiras a ferver, pôde ser tolerada, isto é, perdoável num século de ferro; porém, no século dezenove, não passa de vão fantasma, próprio, quando muito, para amedrontar criancinhas e em que estas, crescendo um pouco, logo deixam de crer. Se persistirdes nessa mitologia aterradora, engendrareis a incredulidade, mãe de toda a desorganização social. Tremo, entrevendo toda uma ordem social abalada e a ruir sobre os seus fundamentos, por falta de sanção penal. Homens de fé ardente e viva, vanguardeiros do dia da luz, mãos à obra, não para manter fábulas que envelheceram e se desacreditaram, mas para reavivar, revivificar a verdadeira sanção penal, sob formas condizentes com os vossos costumes, os vossos sentimentos e as luzes da vossa época.

“Quem é, com efeito, o culpado? É aquele que, por um desvio, por um falso movimento da alma, se afasta do objetivo da criação, que consiste no culto harmonioso do belo, do bem, idealizados pelo arquétipo humano, pelo Homem-Deus, por Jesus-Cristo.

“Que é o castigo? A conseqüência natural, derivada desse falso movimento; uma certa soma de dores necessária a desgostá-lo da sua deformidade, pela experimentação do sofrimento. **O castigo é o agulhão que estimula a alma, pela amargura, a se dobrar sobre si mesma e a buscar o porto de salvação. O castigo só tem por fim a reabilitação, a redenção**. Querê-lo eterno, por uma falta não eterna, é negar-Lhe toda a razão de ser.

“Oh! Em verdade vos digo, cessai, cessai de pôr em paralelo, na sua eternidade, o Bem, essência do Criador, com o Mal, essência da criatura. Fora criar uma penalidade injustificável. **Afirmar, ao contrário, o abrandamento gradual dos castigos e das penas pelas transgressões e consagrareis a unidade divina, tendo unidos o sentimento e a razão**.”

PAULO, apóstolo.-

1019. Poderá jamais implantar-se na Terra o reinado do bem?

“O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que a vêm habitar, os bons predominarem, porque, então, farão que aí reinem o amor e a justiça, fonte do bem e da felicidade. Por meio do progresso moral e praticando as leis de Deus é que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e dela afastará os maus. Estes, porém, não a deixarão, senão quando daí estejam banidos o orgulho e o egoísmo. “Predita foi a transformação da Humanidade e vos avizinhais do momento em que se dará, momento cuja chegada apressam todos os homens que auxiliam o progresso. Essa transformação se verificará por meio da encarnação de Espíritos melhores, que constituirão na Terra uma geração nova. **Então, os Espíritos dos maus, que a morte vai ceifando dia a dia, e todos os que tentem deter a marcha**

das coisas serão daí excluídos, pois que viriam a estar deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam. Irão para mundos novos, menos adiantados, desempenhar **missões penosas**, trabalhando pelo seu próprio adiantamento, ao mesmo tempo que trabalhará o pelo de seus irmãos mais atrasados. Neste banimento de Espíritos da Terra transformada, não percebeis a sublime alegoria do Paraíso perdido e, na vinda do homem para a Terra em semelhantes condições, trazendo em si o germen de suas paixões e os vestígios da sua inferioridade primitiva, não descobris a não menos sublime alegoria do pecado original? Considerado deste ponto de vista, o pecado original se prende à natureza ainda imperfeita do homem que, assim, só é responsável por si mesmo, pelas suas próprias faltas e não pelas de seus pais. “Todos vós, homens de fé e de boa -vontade, trabalhai, portanto, com ânimo e zelo na grande obra da regeneração, que colhereis pelo cêntuplo o grão que houverdes semeado. Ai dos que fecham os olhos à luz! Preparam para si mesmos longos séculos de trevas e decepções. Ai dos que fazem dos bens deste mundo a fonte de todas as suas alegrias! Terão que sofrer privações muito mais numerosas do que os gozos de que desfrutaram! **Ai, sobretudo, dos egoístas! Não acharão quem os ajude a carregar o fardo de suas misérias.**”

SÃO LUÍS.

CAPÍTULO IV - Ninguém poderá ver o reino de Deus se não nascer de novo

Necessidade da encarnação

25. É um castigo a encarnação e somente os Espíritos culpados estão sujeitos a sofrê-la? A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. É-lhes necessária, a bem deles, visto que a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência. Sendo soberanamente justo, Deus tem de distribuir tudo igualmente por todos os seus filhos; assim é que estabeleceu para todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de proceder. Qualquer privilégio seria uma preferência, uma injustiça. Mas, a encarnação para todos os Espíritos, é apenas um estado transitório. **E uma tarefa que Deus lhes impõe**, quando iniciam a vida, como primeira experiência do uso que farão do livre-arbítrio. Os que desempenham com zelo essa tarefa transpõem rapidamente e **menos penosamente** os primeiros graus da iniciação e mais cedo gozam do fruto de seus labores. Os que, ao contrário, usam mal da liberdade **que Deus lhes concede** retardam a sua marcha e, tal seja a obstinação que demonstrem, podem prolongar indefinidamente a necessidade da reencarnação e **é quando se torna um castigo**. - S. Luís. (Paris, 1859.)

26. NOTA. - Uma comparação vulgar fará se compreenda melhor essa diferença. O escolar não chega aos estudos superiores da Ciência, senão depois de haver percorrido a série das classes que até lá o conduzirão. Essas classes, qualquer que seja o trabalho que exijam, são um meio de o estudante alcançar o fim e não um castigo que se lhe inflige. Se ele é esforçado, abrevia o caminho, no qual, então, menos espinhos encontra. Outro tanto não sucede àquele a quem a negligência e a preguiça obrigam a passar duplamente por certas classes. Não é o trabalho da classe que constitui a punição; esta se acha na obrigação de recomeçar o mesmo trabalho.

Assim acontece com o homem na Terra. Para o Espírito do selvagem, que está apenas no início da vida espiritual, a encarnação é um meio de ele desenvolver a sua inteligência; contudo, para o homem esclarecido, em quem o senso moral se acha largamente desenvolvido e que é obrigado a percorrer de novo as etapas de uma vida corpórea cheia de angústias, quando já poderia ter chegado ao fim, é um castigo, pela necessidade em que se vê de prolongar sua permanência em mundos inferiores e desgraçados. Aquele que, ao contrário, trabalha ativamente pelo seu progresso moral, além de abreviar o tempo da encarnação material, pode também transpor de uma só

CAPÍTULO V - Bem-aventurados os aflitos

1. Bem-aventurados os que choram, pois que serão consolados. - Bem-aventurados os famintos e os sequiosos de justiça, pois que serão saciados. - Bem-aventurados os que sofrem perseguição pela justiça, pois que é deles o reino dos céus.
(S. MATEUS, cap. V, vv. 5, 6 e 10.)
2. Bem-aventurados vós que sois pobres, porque vosso é o reino dos céus. - Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados. - Ditosos sois, vós que agora chorais, porque rireis.
(S. LUCAS, cap. VI, vv. 20 e 21.)
3. Mas, ai de vós, ricos que tendes no mundo a vossa consolação. - Ai de vós que estais saciados, porque tereis fome. - Ai de vós que agora rides, porque sereis constrangidos a gemer e a chorar.
(S. LUCAS, cap. VI, vv. 24 e 25.)

5. A lei humana atinge certas faltas e as pune. Pode, então, o condenado reconhecer que sofre a consequência do que fez. Mas a lei não atinge, nem pode atingir todas as faltas; incide especialmente sobre as que trazem prejuízo à sociedade e não sobre as que só prejudicam os que as cometem, Deus, porém, quer que todas as suas criaturas progredam e, portanto, **não deixa impune qualquer desvio do caminho reto; não há falta alguma, por mais leve que seja, nenhuma infração da sua lei, que não acarrete forçosas e inevitáveis consequências**, mais ou menos deploráveis. Daí se segue que, **nas pequenas coisas, como nas grandes, o homem é sempre punido por aquilo em que pecou**. Os sofrimentos que decorrem do pecado são-lhe uma advertência de que procedeu mal. Dão-lhe experiência, fazem-lhe sentir a diferença existente entre o bem e o mal e a necessidade de se melhorar

para, de futuro, evitar o que lhe originou uma fonte de amarguras; sem o que, motivo não haveria para que se emendasse. Confiante na impunidade, retardaria se u avanço e, conseqüentemente, a sua felicidade futura. Entretanto, a experiência, algumas vezes, chega um pouco tarde: quando a vida já foi desperdiçada e turbada; quando as forças já estão gastas e sem remédio o mal, Põe -se então o homem a dizer: "Se no começo dos meus dias eu soubesse o que sei hoje, quantos passos em falso teria evitado! Se houvesse de recomeçar, conduzir-me-ia de outra maneira. No entanto, já não há mais tempo!" Como o obreiro preguiçoso, que diz: "Perdi o meu dia", também ele diz: "Perdi a minha vida". Contudo, assim como para o obreiro o Sol se levanta no dia seguinte, permitindo -lhe neste reparar o tempo perdido, também para o homem, após a noite do túmulo, brilhará o Sol de uma nova vida, em que lhe será possível aproveitar a experiência do passado e suas boas resoluções para o futuro.

6. Mas, se há males nesta vida cuja causa primária é o homem, outros há também aos quais, pelo menos na aparência, ele é completamente estranho e que parecem atingi -lo como por fatalidade. Tal, por exemplo, a perda de entes queridos e a dos que são o amparo da família. Tais, ainda, os acidentes que nenhuma previsão poderia impedir; os reveses da fortuna, que frustram todas as precauções aconselhadas pela prudência; os flagelos naturais, as enfermidades de nascença, sobretudo as que tiram a tantos infelizes os meios de ganhar a vida pelo trabalho: as deformidades, a idiotia, o cretinismo, etc. Os que nascem nessas condições, certamente nada hão feito na existência atual para merecer, sem compensação, tão triste sorte, que não podiam evitar, que são impotentes para mudar por si mesmos e que os põe à mercê da comiseração pública. Por que, pois, seres tão desgraçados, enquanto, ao lado deles, sob o mesmo teto, na mesma família, outros são favorecidos de todos os modos? Que dizer, enfim, dessas crianças que morrem em tenra idade e da vida só conheceram sofrimentos? Problemas são esses que ainda nenhuma filosofia pôde resolver, anomalias que nenhuma religião pôde justificar e que seriam a negação da bondade, da justiça e da providência de Deus, se se verificasse a hipótese de ser criada a alma ao mesmo tempo que o corpo e de estar a sua sorte irrevogavelmente determinada após a permanência de alguns instantes na Terra. Que fizeram essas almas, que acabam de sair das mãos do Criador, para se verem, neste mundo, a braços com tantas misérias e para merecerem no futuro urna recompensa ou uma punição qualquer, visto que não hão podido praticar nem o bem, nem o mal? Todavia, por virtude do axioma segundo o qual todo efeito tem uma causa, tais misérias são efeitos que hão de ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa. Ora, ao efeito precedendo sempre a causa, se esta não se encontra na vida atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, há de estar numa existência precedente. Por outro lado, não podendo Deus punir alguém pelo bem que fez, nem pelo mal que não fez, **se somos punidos, é que fizemos o mal**; se esse mal não o fizemos na presente vida, tê-lo-emos feito noutra. E uma alternativa a que ninguém pode fugir e em que a lógica decide de que parte se acha a justiça de Deus. **O homem, pois, nem sempre é punido, ou punido completamente, na sua existência atual; mas não escapa nunca às conseqüências de suas faltas**. A prosperidade do mau é apenas momentânea; se ele não expiar hoje, expiará amanhã, ao passo que aquele que sofre está expiando o seu passado. O infortúnio que, à primeira vista, parece imerecido tem sua razão de ser, e aquele que se encontra em sofrimento pode sempre dizer: 'Perdoa-me, Senhor, porque pequei.

8. As tribulações podem ser impostas a Espíritos endurecidos, ou extremamente ignorantes, para levá-los a fazer uma escolha com conhecimento de causa. Os Espíritos penitentes, porém, desejosos de reparar o mal que hajam feito e de proceder melhor, esses as escolhem livremente. Tal o caso de um que, havendo desempenhado mal sua tarefa, pede lha deixem recomeçar, para não perder o fruto de seu trabalho **As tribulações, portanto, são, ao mesmo tempo, expiações do passado, que recebe nelas o merecido castigo, e provas com relação ao futuro, que elas preparam**. Rendamos graças a Deus, que, em sua bondade, faculta ao homem reparar seus erros e não o condena irrevogavelmente por uma primeira falta.

11. Em vão se objeta que o esquecimento constitui obstáculo a que se possa aproveitar da experiência de vidas anteriores. havendo Deus entendido de lançar um véu sobre o passado, é que há nisso vantagem. Com efeito, a lembrança traria gravíssimos inconvenientes. Poderia, em certos casos, humilhar-nos singularmente, ou, então, exaltar-nos o orgulho e, assim, entravar o nosso livre-arbítrio. Em todas as circunstâncias, acarretaria inevitável perturbação nas relações sociais. Frequentemente, o Espírito renasce no mesmo meio em que já viveu, estabelecendo de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes haja feito. Se reconhecesse nelas as a quem odiara, quicá o ódio se lhe despertaria outra vez no íntimo. De todo modo, ele se sentiria humilhado em presença

daquelas a quem houvesse ofendido. Para nos melhorarmos, outorgou -nos Deus, precisamente, o de que necessitamos e nos basta: a voz da consciência e as tendências instintivas. Priva -nos do que nos seria prejudicial. Ao nascer, traz o homem consigo o que adquiriu, nasce qual se fez; em cada existência, tem um novo ponto de partida. Pouco lhe importa saber o que foi antes: **se se vê punido, é que praticou o mal**. Suas atuais tendências más indicam o que lhe resta a corrigir em si próprio e é nisso que deve concentrar-se toda a sua atenção, porquanto, daquilo de que se haja corrigido completamente, nenhum traço mais conservará. As boas resoluções que tomou são a voz da consciência, advertindo -o do que é bem e do que é mal e dando-lhe forças para resistir às tentações. Aliás, o esquecimento ocorre apenas durante a vida corpórea. Voltando à vida espiritual, readquire o Espírito a lembrança do passado; nada mais há, portanto, do que uma interrupção temporária, semelhante à que se dá na vida terrestre durante o sono, a qual não obsta a que, no dia seguinte, nos recordemos do que tenhamos feito na véspera e nos dias precedentes. E não é somente após a morte que o Espírito recobra a lembrança do passado. Pode dizer-se que jamais a perde, pois que, como a experiência o demonstra, mesmo encarnado, adormecido o corpo, ocasião em que goza de certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores; sabe por que sofre e que sofre com justiça. A lembrança unicamente se apaga no curso da vida exterior, da vida de relação. Mas, na falta de uma recordação exata, que lhe poderia ser penosa e prejudicá-lo nas suas relações sociais, forças novas haure ele nesses instantes de emancipação da alma, se os sabe aproveitar.

Por estas palavras: Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados, Jesus aponta a compensação que hão de ter os que sofrem e a resignação que leva o padecente a bendizer do sofrimento, como prelúdio da cura. Também podem essas palavras ser traduzidas assim: Deveis considerar-vos felizes por sofrerdes, visto que as dores deste mundo são o pagamento da dívida que as vossas passadas faltas vos fizeram contrair; suportadas pacientemente na Terra, essas dores vos poupam séculos de sofrimentos na vida futura. Deveis, pois, sentir -vos felizes por reduzir Deus a vossa dívida, permitindo que a saldeis agora, o que vos garantirá a tranqüilidade no porvir. O homem que sofre assemelha-se a um devedor de avultada soma, a quem o credor diz: "Se me pagares hoje mesmo a centésima parte do teu débito, quitar-te-ei do restante e ficarás livre; se o não fizeres, atormentar-te-ei, até que pagues a última parcela." Não se sentiria feliz o devedor por suportar toda espécie de privações para se libertar, pagando apenas a centésima parte do que deve? Em vez de se queixar do seu credor, não lhe ficará agradecido? Tal o sentido das palavras: "Bem -aventurados os aflitos, pois que serão consolados." São ditosos, porque se quitam e porque, depois de se haverem quitado, estarão livres. Se, porém, o homem, ao quitar-se de um lado, endivida-se de outro, jamais poderá alcançar a sua libertação. Ora, **cada nova falta aumenta a dívida, porquanto nenhuma há, qualquer que ela seja, que não acarrete forçosa e inevitavelmente uma punição**. Se não for hoje, será amanhã; se não for na vida atual, será noutra. Entre essas faltas, cumpre se coloque na primeira fiada a carência de submissão à vontade de Deus. Logo, se murmurarmos nas aflições, se não as aceitarmos com resignação e como algo que devemos ter merecido, se acusarmos a Deus de ser injusto, nova dívida con traímos, que nos faz perder o fruto que devíamos colher do sofrimento. E por isso que teremos de recomeçar, absolutamente como se, a um credor que nos atormente, pagássemos uma cota e a tomássemos de novo por empréstimo. Ao entrar no mundo dos Espíritos, o homem ainda está como o operário que comparece no dia do pagamento. A uns dirá o Senhor: "Aqui tens a paga dos teus dias de trabalho"; a outros, aos venturosos da Terra, aos que hajam vivido na ociosidade, que tiverem feito consistir a sua felicidade nas satisfações do amor-próprio e nos gozos mundanos: "Nada vos toca, pois que recebestes na Terra o vosso salário. Ide e recomeçai a tarefa."

CAPÍTULO VIII - Bem - aventurados os que têm puro o coração

Bem-aventurados os que têm fechados os olhos (1)

Meus bons amigos, para que me chamastes? Terá sido para que eu imponha as mãos sobre a pobre sofredora que está aqui e a cure? Ah! que sofrimento, bom Deus! Ela perdeu a vista e as trevas a envolveram. Pobre filha! Que ore e espere. Não sei fazer milagres, eu, sem que Deus o queira. Todas as curas que tenho podido obter e que vos foram assinaladas não as atribuais senão àquele que é o Pai de todos nós. Nas vossas aflições, volvi sempre para o céu o olhar e dissei do fundo do coração: "Meu Pai, cura-me, mas faze que minha alma enferma se cure antes que o meu corpo; que a minha carne seja castigada, se necessário, para que minha alma se eleve ao teu seio, com a brancura que possuía quando a criaste." Após essa prece, meus amigos, que o bom Deus ouvirá sempre, dadas vo s serão a força e a coragem e, quiçá, também a cura que apenas timidamente pedistes, em recompensa da vossa

abnegação. Contudo, uma vez que aqui me acho, numa assembléia onde principalmente se trata de estudos, dir-vos-ei que os que são privados da vista deveriam considerar-se os bem-aventurados da expiação. Lembrai-vos de que o Cristo disse convir que arrancásseis o vosso olho se fosse mau, e que mais valeria lançá-lo ao fogo, do que deixar se tornasse causa da vossa condenação. Ah! quantos há no mundo que um dia, nas trevas, maldirão o terem visto a luz! Oh! sim, como são felizes os que, por expiação, vêm a ser atingidos na vista! Os olhos não lhes serão causa de escândalo e de queda; podem viver inteiramente da vida das almas; podem ver mais do que vós que tendes límpida a visão!... Quando Deus me permite descerrar as pálpebras a algum desses pobres sofredores e lhes restituir a luz, digo a mim mesmo: Alma querida, por que não conheces todas as delicias do Espírito que vive de contemplação e de amor? Não pedirias, então, que se te concedesse ver imagens menos puras e menos suaves, do que as que te é dado entrever na tua cegueira! Oh! bem-aventurado o cego que quer viver com Deus. Mais ditoso do que vós que aqui estais, ele sente a felicidade, toca -a, vê as almas e pode alçar-se com elas às esferas espirituais que nem mesmo os predestinados da Terra logram divisar. Abertos, os olhos estão sempre prontos a causar a falência da alma; fechados, estão prontos sempre, ao contrário, a fazê-la subir para Deus. Crede-me, bons e caros amigos, a cegueira dos olhos é, muitas vezes, a verdadeira luz do coração, ao passo que a vista é, com freqüência, o anjo tenebroso que conduz à morte. Agora, algumas palavras dirigidas a ti, minha pobre sofredora. Espera e tem ânimo! Se eu te dissesse: Minha filha, teus olhos vão abrir -se, quão jubilosa te sentirias! Mas, quem sabe se esse júbilo não ocasionaria a tua perda! Confia no bom Deus, que fez a ventura e permite a tristeza. Farei tudo o que me for consentido a teu favor; mas, a teu turno, ora e, ainda mais, pensa em tudo quanto acabo de te dizer. Antes que me vá, recebei todos vós, que aqui vos achais reunidos, a minha bênção. - Vianney, cura d'Ars. (Paris, 1863.)

(1) Esta comunicação foi dada com relação a uma pessoa cega, a cu jo favor se evocara o Espírito de J. B. Vianney, cura d'Ars.

21. **NOTA.** Quando uma aflição não é conseqüência dos atos da vida presente, deve -se- lhe buscar a causa numa vida anterior. Tudo aquilo a que se dá o nome de caprichos da sorte mais não é do que efeito da justiça de Deus, que não inflige punições arbitrárias pois quer que a pena esteja sempre em correlação com a falta. Se, por sua bondade, lançou um véu sobre os nossos atos passados, por outro lado nos aponta o caminho, dizendo: "Quem matou à espada, pela espada perecerá", palavras que se podem traduzir assim: "A criatura é sempre punida por aquilo em que pecou." Se, portanto, alguém sofre o tormento da perda da vista, é que esta lhe foi causa de queda. Talvez tenha sido também causa de que outro perdesse a vista; de que alguém haja perdido a vista em conseqüência do excesso de trabalho que aquele lhe impôs, ou de maus -tratos, de falta de cuidados, etc. Nesse caso, passa ele pela pena de talião. É possível que ele próprio, tomado de arrependimento, haja escolhido essa expiação, aplicando a si estas palavras de Jesus: "Se o teu olho for motivo de escândalo, arranca -o."

CAPÍTULO X - Bem-aventurados os que são misericordiosos

18. Caros amigos, sede severos convosco, indulgentes para as fraquezas dos outros. E esta uma prática da santa caridade, que bem poucas pessoas observam. Todos vós tendes maus pendores a vencer, defeitos a corrigir, hábitos a modificar; todos tendes um fardo mais ou menos

pesado a alijar, para poderdes galgar o cume da montanha do progresso. Por que, então, haveis de mostrar-vos tão clarividentes com relação ao próximo e tão cegos com relação a vós mesmos? Quando deixareis de perceber, nos olhos de vossos irmãos, o pequenino argueiro que os incomoda, sem atentardes na trave que, nos vossos olhos, vos cega, fazendo-vos ir de queda em queda? Crede nos vossos irmãos, os Espíritos. Todo homem, bastante orgulhoso para se julgar superior, em virtude e mérito, aos seus irmãos encarnados, é insensato e culpado: **Deus o castigará no dia da sua justiça.** O verdadeiro caráter da caridade é a modéstia e a humildade, que consistem em ver cada um apenas superficialmente os defeitos de outrem e esforçar-se por fazer que prevaleça o que há nele de bom e virtuoso, porquanto, embora o coração humano seja um abismo de corrupção, sempre há, nalgumas de suas dobras mais ocultas, o gérmen de bons sentimentos, centelha vivaz da essência espiritual. Espiritismo! doutrina consoladora e bendita! felizes dos que te conhecem e tiram proveito dos salutares ensinamentos dos Espíritos do Senhor! Para esses, iluminado está o caminho, ao longo do qual podem ler estas palavras que lhes indicam o meio de chegarem ao termo da jornada: caridade prática, caridade do coração, caridade para com o próximo, como para si mesmo; n uma palavra: caridade para com todos e amor a Deus acima de todas as coisas, porque o amor a Deus resume todos os deveres e porque impossível é amar realmente a Deus, sem praticar a caridade, da qual fez ele uma lei para todas as criaturas. -

Dufêtre, bispo de Nevers. (Bordéus.)

CAPÍTULO XII - Amai os vossos inimigos

Os inimigos desencarnados

5. Ainda outros motivos tem o espírito para ser indulgente com os seus inimigos. Sabe ele, primeiramente, que a maldade não é um estado permanente dos homens; que ela decorre de uma imperfeição temporária e que, assim como a criança se corrige dos seus defeitos, o homem mau reconhecerá um dia os seus erros e se tornará bom, Sabe também que a morte apenas o livra da presença material do seu inimigo, pois que este o pode perseguir com o seu ódio, mesmo depois de haver deixado a Terra; que, assim, a vingança, que tome, falha ao seu objetivo, visto que, ao contrário, tem por efeito produzir maior irritação, capaz de passar de uma existência a outra. Cabia ao Espiritismo demonstrar, por meio da experiência e da lei que rege as relações entre o mundo visível e o mundo invisível, que a expressão: extinguir o ódio com o sangue é radicalmente falsa, que a verdade é que o sangue alimenta o ódio, mesmo no além-túmulo. Cabia-lhe, portanto, apresentar uma razão de ser positiva e uma utilidade prática ao perdão e ao preceito do Cristo: Amai os vossos inimigos. Não há coração tão perverso que, mesmo a seu mau grado, não se mostre sensível ao bom proceder. Mediante o bom procedimento, tira-se, pelo menos, todo pretexto às represálias, podendo-se até fazer de um inimigo um amigo, antes e depois de sua morte. **Com um mau proceder, o homem irrita o seu inimigo, que então se constitui instrumento de que a justiça de Deus se serve para punir aquele que não perdoou.**

10. Amai-vos uns aos outros e sereis felizes. Tomai sobretudo a peito amar os que vos inspiram indiferença, ódio, ou desprezo. O Cristo, que deveis considerar modelo, deu -vos o exemplo desse devotamento, Missionário do amor, ele amou até dar o sangue e a vida por amor, Penoso vos é o sacrifício de amardes os que vos ultrajam e perseguem; mas, precisamente, esse sacrifício é que vos torna superiores a eles. Se os odiásseis, como vos odeiam, não valeríeis mais do que eles. Amá -los é a hóstia imácula que ofereceis a Deus na ara dos vossos corações, hóstia de agradável aroma e cujo perfume lhe sobe até o seio. Se bem a lei de amor mande que cada um ame indistintamente a todos os seus irmãos, ela não couraça o coração contra os maus proceder es; esta é, ao contrário, a prova mais angustiada, e eu o sei bem, porquanto, durante a minha última existência terrena, experimentei essa tortura. Mas **Deus lá está e pune nesta vida e na outra os que violam a lei de amor** . Não esqueçais, meus queridos filhos, que o amor aproxima de Deus a criatura e o ódio a distancia dele.

- Fénelon, (Bordéus, 1861.)

12. Em certos casos, sem dúvida, pode o duelo constituir uma prova de coragem física, de desprezo pela vida, mas também é, incontestavelmente, uma prova de covardia moral, como o suicídio. O suicida não tem coragem de enfrentar as vicissitudes da vida; o duelista não tem a de suportar as ofensas, Não vos disse o Cristo que há mais honra e valor em apresentar a face esquerda a quem bateu na direita, do que em vingar uma injúria? Não disse ele a Pedro, no jardim das Oliveiras: "Mete a tua espada na bainha, porquanto aquele que matar com a espada perecerá pela espada?" Assim falando, não condenou, para sempre, o duelo? Efetivamente, meus filhos, que é essa coragem oriunda de um gênio violento, de um temperamento sangüíneo e colérico, que ruge à primeira ofensa? Onde a grandeza da alma daquele que, à menor injúria, entende que só com sangue a poderá lavar? Ah! que ele tremia! No fundo da sua consciência, uma voz lhe bradará sempre: Caim! Caim! que fizeste de teu irmão? Foi-me necessário derramar sangue para salvar a minha honra, responderá ele a essa voz, Ela, porém, retrucará: Procuraste salvá-la perante os homens, por alguns instantes que te restavam de vida na Terra, e não pensaste em salvá-la perante Deus! Pobre louco! Quanto sangue exigiria de vós o Cristo, por todos os ultrajes que recebeu! Não só o feristes com os espinhos e a lança, não só o pregastes num madeiro infamante, como também o fizestes ouvir, em meio de sua agonia atroz, as zombarias que lhe prodigalizastes, Que reparação a tantos insultos vos pediu ele? O último brado do cordeiro foi umia súplica em favor dos seus algozes! Oh! como ele, perdoai e oral pelos que vos ofendem.

Amigos, lembrai-vos deste preceito: "Amai-vos uns aos outros" e, então, a um golpe desferido pelo ódio respondereis com um Sorriso, e ao ultraje com o perdão. O mundo, sem dúvida, se levantará furioso e vos tratará de covardes; erguei bem alto a fronte e mostrai que também elas e não temeria de cingir-se de espinhos, a exemplo do Cristo, mas, que a vossa mão não quer ser cúmplice de um assassinio autorizado por falsos ares de honra, que, entretanto, não passa de orgulho e amor -próprio. Em vos criando, Deus vos outorgou o direito de vida e de morte, uns sobre os outros? Não. Só à Natureza conferiu ele esse direito, para se reformar e reconstruir. Quanto a vós, não permite, sequer, que disponhais de vós mesmos. **Como o suicida, o duelista se achará marcado com sangue, quando**

comparecer perante Deus, e a um e outro o Soberano Juiz reserva rudes e longos castigos. Se ele ameaçou com a sua justiça aquele que disser raca a seu irmão, quão mais severa não será a pena que comine ao que chegar à sua presença com as mãos tintas do sangue de seu irmão!

- Santo Agostinho. (Paris, 1862.)

CAPÍTULO XIII - Não saiba a vossa mão esquerda...

19. Que se deve pensar dos que, recebendo a ingratidão em paga de benefícios que fizeram, deixam de praticar o bem para não topar com os ingratos? Nesses, há ma is egoísmo do que caridade, visto que fazer o bem, apenas para receber demonstrações de reconhecimento, é não o fazer com desinteresse, e o bem, feito desinteressadamente, é o único agradável a Deus. Há também orgulho, porquanto os que assim procedem se comprazem na humildade com que o beneficiado lhes vem depor aos pés o testemunho do seu reconhecimento. Aquele que procura, na Terra, recompensa ao bem que pratica não a receberá no céu. Deus, entretanto, terá em apreço aquele que não a busca no mundo. Deveis sempre ajudar os fracos, embora sabendo de antemão que os a quem fizerdes o bem não vo -lo agradecerão. Ficai certos de que, se aquele a quem prestais um serviço o esquece, Deus o levará mais em conta do que se com a sua gratidão o beneficiado vo -lo houvesse pago. Se **Deus permite por vezes sejais pagos com a ingratidão, é para experimentar a vossa perseverança em praticar o bem** . E sabeis, porventura, se o benefício momentaneamente esquecido não produzirá mais tarde bons frutos? Tende a certeza de que, ao contrário, é unia semente que com o tempo germinará. Infelizmente, nunca vedes senão o presente; trabalhai para vós e não pelos outros. Os benefícios acabam por abrandar os mais empedernidos corações; podem ser olvidados neste mundo, mas, quando se desembra raçar do seu envoltório carnal, o Espírito que os recebeu se lembrará deles **e essa lembrança será o seu castigo**. Deplorará a sua ingratidão; desejará reparar a falta, pagar a dívida noutra existência, não raro buscando uma vida de dedicação ao seu benfeitor. Assim, sem o suspeitardes, tereis contribuído para o seu adiantamento moral e vireis a reconhecer a exatidão desta máxima: um benefício jamais se perde. Além disso, também por vós mesmos tereis trabalhado, porquanto granjeareis o mérito de haver feito o bem desinteressadamente e sem que as decepções vos desanimassem. Ah! meus amigos, se conhecêsseis todos os laços que prendem a vossa vida atual às vossas existências anteriores; se pudésseis apanhar num golpe de vista a imensidade das relações que ligam u ns aos outros os seres, para o efeito de um progresso mútuo, admiraríeis muito mais a sabedoria e a bondade do Criador, que vos concede reviver para chegardes a ele.

Guia protetor. (Sens, 1862.)

CAPÍTULO XIV - Honrai a vosso pai e a vossa mãe

Piedade filial

3. O mandamento: "**Honrai a vosso pai e a vossa mãe**" é um corolário da lei geral de caridade e de amor ao próximo, visto que não pode amar o seu próximo aquele que não ama a seu pai e a sua mãe; mas, o termo honrai encerra um dever a mais para com eles : o da piedade filial. Quis Deus mostrar por essa forma que ao amor se devem juntar o respeito, as atenções, a submissão e a condescendência, o que envolve a obrigação de cumprir-se para com eles, de modo ainda mais rigoroso, tudo o que a caridade ordena relativamente ao próximo em geral!. Esse dever se estende naturalmente às pessoas que fazem as vezes de pai e de mãe, as quais tanto maior mérito têm, quanto menos obrigatório é para elas o devotamento. Deus pune sempre com rigor toda violação desse mandamen to. Honrar a seu pai e a sua mãe, não consiste apenas em respeitá -los; é também assisti-los na necessidade; é proporcionar-lhes repouso na velhice; é cercá -los de cuidados como eles fizeram conosco, na infância. Sobretudo para com os pais sem recursos é que se demonstra a verdadeira piedade filial. Obedecem a esse mandamento os que julgam fazer grande coisa porque dão a seus pais o estritamente necessário para não morrerem de fome, enquanto eles de nada se privam, atirando -os para os cômodos mais ínfimos da casa, apenas por não os deixarem na rua, reservando para si o que há de melhor, de mais confortável? Ainda bem quando não o fazem de má-vontade e não os obrigam a comprar caro o que lhes resta a viver, descarregando sobre eles o peso do governo da casa! Será então aos pais velhos e fracos que cabe servir a filhos jovens e fortes? Ter -lhes-á a mãe vendido o leite, quando os amamentava? Contou porventura suas vigílias, quando eles estavam doentes, os passos que deram para lhes obter o de que necessitavam? Não, os filhos não devem a seus pais pobres só o estritamente necessário, devem -lhes também, na medida do que puderem, os pequenos nadas supérfluos, as solitudes, os cuidados amáveis, que são apenas o juro do que receberam, o pagamento de uma dívida sagrad a. Unicamente

essa é a piedade filial grata a Deus. Ai, pois, daquele que olvida o que deve aos que o ampararam em sua fraqueza, que com a vida material lhe deram a vida moral, que muitas vezes se impuseram duras privações para lhe garantir o bem-estar. Ai do ingrato: **será punido com a ingratidão e o abandono**; será ferido nas suas mais caras afeições, algumas vezes já na existência atual, mas com certeza noutra, em que sofrerá o que houver feito aos outros.

Alguns pais, é certo, descumram de seus deveres e não são para os filhos o que deviam ser; mas, **a Deus é que compete puni-los** e não a seus filhos. Não compete a estes censurá-los, porque talvez hajam merecido que aqueles fossem quais se mostram. Se a lei da caridade manda se pague o mal com o bem, se seja indulgente para as imperfeições de outrem, se não diga mal do próximo, se lhe esqueçam e perdoem os agravos, se ame até os inimigos, quão maiores não hão de ser essas obrigações, em se tratando de filhos para com os pais! Devem, pois, os filhos tomar com a regra de conduta para com seus pais todos os preceitos de Jesus concernentes ao próximo e ter presente que todo procedimento censurável, com relação aos estranhos, ainda mais censurável se torna relativamente aos pais; e que o que talvez não passe de simples falta, no primeiro caso, pode ser considerado um crime, no segundo, porque, aqui, à falta de caridade se junta a ingratidão.

CAPÍTULO XXIV - Não ponhais a candeia debaixo do alqueire

11. Estando Jesus à mesa em casa desse homem (Mateus), vieram aí ter muitos publicanos e gente de má vida, que se puseram à mesa com Jesus e seus discípulos; - o que fez que os fariseus, notando-o, disseram aos discípulos: Como é que o vosso Mestre come com publicanos e pessoas de má vida? - Tendo-os ouvido, disse-lhes Jesus: Não são os que gozam saúde que precisam de médico. (S. MATEUS, cap. IX, vv. 10 a 12.)

12. Jesus se acercava, principalmente, dos pobres e dos deserdados, porque são os que mais necessitam de consolações; dos cegos dóceis e de boa fé, porque pedem se lhes dê a vista, e não dos orgulhosos que julgam possuir toda a luz e de nada precisar. (Veja-se: "Introdução", artigo: Publicanos, Portageiros.) Essas palavras, como tantas outras, encontram no Espiritismo a aplicação que lhes cabe. Há quem se admire de que, por vezes, a mediunidade seja concedida a pessoas indignas, capazes de a usarem mal. Parece, dizem, que tão preciosa faculdade devera ser atributo exclusivo dos de maior merecimento. Digamos, antes de tudo, que a mediunidade é inerente a uma disposição orgânica, de que qualquer homem pode ser dotado, como da de ver, de ouvir, de falar. Ora, nenhuma há de que o homem, por efeito do seu livre-arbítrio, não possa abusar, e se Deus não houvesse concedido, por exemplo, a palavra senão aos incapazes de proferirem coisas más, maior seria o número dos mudos do que o dos que falam. **Deus outorgou faculdades ao homem e lhe dá a liberdade de usá-las, mas não deixa de punir o que delas abusa.** Se só aos mais dignos fosse concedida a faculdade de comunicar com os Espíritos, quem ousaria pretendê-la? Onde, ao demais, o limite entre a dignidade e a indignidade? A mediunidade é conferida sem distinção, a fim de que os Espíritos possam trazer a luz a todas as camadas, a todas as classes da sociedade, ao pobre como ao rico; aos retos, para os fortalecer no bem, aos viciosos para os corrigir. Não são estes últimos os doentes que necessitam de médico? Por que Deus, que não quer a morte do pecador, o privaria do socorro que o pode arrancar ao lameiro? Os bons Espíritos lhe vêm e m auxílio e seus conselhos, dados diretamente, são de natureza a impressioná-lo de modo mais vivo, do que se os recebesse indiretamente. Deus, em sua bondade, para lhe poupar o trabalho de ir buscá-la longe, nas mãos lhe coloca a luz. Não será ele bem mais culpado, se não a quiser ver? Poderá desculpar-se com a sua ignorância, quando ele mesmo haja escrito com suas mãos, visto com seus próprios olhos, ouvido com seus próprios ouvidos, e pronunciado com a própria boca a sua condenação? **Se não aproveitar, será então punido pela perda ou pela perversão da faculdade que lhe fora outorgada** e da qual, nesse caso, se aproveitam os maus Espíritos para o obsidiarem e enganarem, sem prejuízo das aflições reais **com que Deus castiga os servidores indignos e os corações que o orgulho e o egoísmo endureceram.** A mediunidade não implica necessariamente relações habituais com os Espíritos superiores. E apenas uma aptidão para servir de instrumento mais ou menos dúctil aos Espíritos, em geral. O bom médium, pois, não é aquele que comunica facilmente, mas aquele que é simpático aos bons Espíritos e somente deles tem assistência. Unicamente neste sentido é que a excelência das qualidades morais se torna onipotente sobre a mediunidade.

CAPÍTULO XXVII - Pedi e obtereis

20. Outros se fundam numa razão mais especiosa: a imutabilidade dos decretos divinos. Deus, dizem esses, não pode mudar as suas decisões a pedido das criaturas; a não ser assim, careceria de estabilidade o mundo. O homem, pois, nada tem de pedir a Deus, só lhe cabendo o submeter-se e adorá-

lo. Há, nesse modo de raciocinar, uma aplicação falsa do princípio da imutabilidade da lei divina, ou melhor, ignorância da lei, no que concerne à penalidade futura. Essa lei revelam -na hoje os Espíritos do Senhor, quando o homem se tornou suficientemente maduro para compreender o que, na fé, é conforme ou contrário aos atributos divinos. **Segundo o dogma da eternidade absoluta das penas, não se levam em conta ao culpado os remorsos, nem o arrependimento**. É-lhe inútil todo desejo de melhorar-se: está condenado a conservar-se perpetuamente no mal. Se a sua condenação foi por determinado tempo, a pena cessará, uma vez expirado esse tempo. Mas, quem poderá afirmar que ele então possua melhores sentimentos? **Quem poderá dizer que, a exemplo de muitos condenados da Terra, ao sair da prisão, ele não seja tão mau quanto antes? No primeiro caso, seria manter na dor do castigo um homem que voltou ao bem; no segundo, seria agraciar a um que continua culpado. A lei de Deus é mais previdente. Sempre justa, eqüitativa e misericordiosa, não estabelece para a pena, qualquer que esta seja, duração alguma. Ela se resume assim:**

21. **"O homem sofre sempre a conseqüência de suas faltas; não há uma só infração à lei de Deus que fique sem a correspondente punição.** A severidade do castigo é proporcionada à gravidade da falta. Indeterminada é a duração do castigo, para qualquer falta; fica subordinada ao arrependimento do culpado e ao seu retorno a senda do bem; a pena dura tanto quanto a obstinação no mal; seria perpétua, se perpétua fosse a obstinação; dura pouco, se pronto é o arrependimento. Desde que o culpado clame por misericórdia, **Deus o ouve e lhe concede a esperança.** Mas, **não basta o simples pesar do mal causado; é necessária a reparação,** pelo que o culpado se vê submetido a novas provas em que pode, sempre por sua livre vontade, praticar o bem, reparando o mal que haja feito. O homem é, assim, constantemente, o árbitro de sua própria sorte; pertence -lhe abreviar ou prolongar indefinidamente o seu suplício; a sua felicidade ou a sua desgraça dependem da vontade que tenha de praticar o bem." **Tal a lei, lei imutável e em conformidade com a bondade e a justiça de Deus.** Assim, o Espírito culpado e infeliz pode sempre salvar-se a si mesmo: **a lei de Deus estabelece a condição** em que se lhe torna possível fazê-lo. O que as mais das vezes lhe falta é a vontade, a força, a coragem. Se, por nossas preces, lhe inspiramos essa vontade, se o amparamos e animamos; se, pelos nossos conselhos, lhe damos as luzes de que carece, em lugar de pedirmos a Deus que derogue a sua lei, tornamo -nos instrumentos da execução de outra lei, também sua, a de amor e de caridade, execução em que, desse modo, ele nos permite participar, dando nós mesmos, com isso, uma prova de caridade. (Veja-se O Céu e o Inferno, 1ª Parte, caps. IV, VII, VIII.)

CAPÍTULO XXVIII - Coletânea de preces Espíritas

IV. **Dá-nos o pão de cada dia.** Dá-nos o alimento indispensável à sustentação das forças do corpo; mas, dá-nos também o alimento espiritual para o desenvolvimento do nosso Espírito. O bruto encontra a sua pastagem; o homem, porém, deve o sustento à sua própria atividade e aos recursos da sua inteligência, porque o criaste livre. Tu lhe háis dito: "Tirará da terra o alimento com o suor da tua frente." Desse modo, fizeste do trabalho, para ele, uma obrigação, a fim de que exercitasse a inteligência na procura dos meios de prover às suas necessidades e ao seu bem -estar, uns mediante o labor manual, outros pelo labor intelectual. Sem o trabalho, ele se conservaria estacionário e não poderia aspirar à felicidade dos Espíritos superiores.

Ajudas o homem de boa-vontade que em ti confia, pelo que concerne ao necessário; não, porém, àquele que se compraz na ociosidade e desejara tudo obter sem esforço, nem àquele que busca o supérfluo. (Cap. XXV.) Quantos e quantos sucumbem por culpa própria, pela sua incúria, pela sua imprevidência, ou pela sua ambição e por não terem querido contentar -se com o que lhes havias concedido! Esses são os artífices do seu infortúnio e carecem do direito de queixar-se, pois que são punidos naquilo em que pecaram. Mas, nem a esses mesmos abandonas, porque és infinitamente misericordioso. As mãos lhes estendes para socorrê-los, desde que, como o filho pródigo, se voltem sinceramente para ti. (Cap. V, n.º 4.) Antes de nos queixarmos da sorte, inquiramos de nós mesmos se ela não é obra nossa. A cada desgraça que nos chegue, cuidemos de saber se não teria estado em nossas mãos evitá-la. Consideremos também que **Deus nos outorgou a inteligência para tirar-nos do lameiro, e que de nós depende o modo de a utilizarmos.** Pois que à lei do trabalho se acha submetido o homem na Terra, dá-nos coragem e forças para obedecer a essa lei. Dá-nos também a prudência, a previdência e a moderação, a fim de não perdermos o respectivo fruto. Dá-nos, pois, Senhor, o pão de cada dia, isto é, os meios de adquirirmos, pelo trabalho, as coisas necessárias à vida, porquanto ninguém tem o direito de reclamar o supérfluo. Se trabalhar nos é impossível, à tua divina providência nos confiamos. Se está nos teus desígnios experimentar -nos pelas mais duras provações, mau grado

aos nossos esforços, aceitamo-las como justa expiação das faltas que tenhamos cometido nesta existência, ou noutra anterior, porquanto és justo. Sabemos que **não há penas imerecidas e que jamais castigas sem causa**. Preserva-nos, ó meu Deus, de invejar os que possuem o que não temos, nem mesmo os que dispõem do supérfluo, ao passo que a nós nos falta o necessário. Perdoa -lhes, se esquecem a lei de caridade e de amor do próximo, que lhes ensinaste. (Cap. XVI, n.º 8.) Afasta, igualmente, do nosso espírito a idéia de negar a tua justiça, ao notarmos a prosperidade do mau e a desgraça que cai por vezes sobre o homem de bem. Já sabemos, graças às novas luzes que te apro uve conceder-nos, que a tua justiça se cumpre sempre e a ninguém excetua; que a prosperidade material do mau é efêmera, quanto a sua existência corpórea, **e que experimentará terríveis reveses**, ao passo que eterno será o júbilo daquele que sofre resignado. (Cap. V, n.º 7, n.º 9, n.º 12 e n.º 18.)

Textos extraídos do livro “O Espiritismo na sua mais Simples Expressão”
obra de Allan Kardec

2. Deus criou a matéria que constitui os mundos; também criou seres inteligentes que chamamos de Espíritos, encarregados de administrar os mundos materiais segundo as leis imutáveis da criação, e que são perfectíveis por sua natureza. Aperfeiçoando -se, eles se aproximam da Divindade.

8. Para cooperar, como agentes do poder divino, com a obra dos mundos materiais, os Espíritos revestem-se temporariamente de um corpo material. Pelo trabalho de que sua existência corpórea necessita, eles aperfeiçoam sua inteligência e adquirem, observando a lei de Deus, os méritos que devem conduzi-los à felicidade eterna.

9. **A encarnação não foi imposta ao Espírito, no princípio, como uma punição**; ela é necessária ao seu desenvolvimento e para a realização das obras de Deus, **e todos devem resignar-se a ela**, tomem o caminho do bem ou do mal; só que os que seguem o caminho do bem, avançando mais rapidamente, demoram menos a chegar ao fim e lá chegam em condições menos penosas.

14. Quando uma existência foi mal empregada, não aproveitou o Espírito, que deve recomeçar -la em condições **mais ou menos penosas**, em razão de sua negligência e de sua má vontade; assim é que, na vida, podemos ser obrigados a fazer no dia seguinte o que não fizemos no anterior, ou a refazer o que fizemos mal.

16. No intervalo de suas existências corpóreas, o Espírito é errante. Não por duração determinada; nesse estado o espírito é feliz ou infeliz de acordo com o bom ou mau emprego de sua última existência; ele estuda as causas que apressaram ou retardaram seu desenvolvimento; toma resoluções que tentará pôr em prática na próxima encarnação e escolhe, ele mesmo, as provas que considera mais adequadas ao seu progresso; mas algumas vezes ele se engana, ou sucumbe não mantendo como homem as resoluções que tomou como Espírito.

17. **O Espírito culpado é punido pelos sofrimentos morais no mundo dos Espíritos, e pelas penas físicas na vida corpórea**. Suas aflições são conseqüências de suas faltas, quer dizer, de sua infração à lei de Deus; de modo que constituem simultaneamente uma expiação do passado e uma prova para o futuro é assim que o orgulhoso pode ter uma existência de humilhação, o tirano uma vida de servidão; o rico mau uma encarnação de miséria.

18. Há mundos apropriados aos diferentes graus de avanço dos Espíritos, onde a existência corpórea acha-se em condições muito diferentes. Quanto menos o Espírito é adiantado, mais os corpos de que se reveste são pesados e materiais; à medida em que se purifica, passa para mundos superiores moral e fisicamente. A Terra não é o primeiro nem o último, mas um dos mundos mais atrasados.

19. **Os Espíritos culpados são encarnados em mundos menos adiantados, onde expiam suas faltas pelas tribulações da vida material**. Esses mundos são para eles verdadeiros purgatórios, dos quais depende deles sair, trabalhando em seu progresso moral. A Terra é um desses mundos.

20. Deus, sendo soberanamente justo e bom, **não condena suas criaturas a castigos perpétuos pelas faltas temporárias**; oferece-lhes em qualquer ocasião meios de progredir e reparar a mal que elas praticaram. Deus perdoo, **mas exige o arrependimento, a reparação e o retorno ao bem, de modo que a duração do castigo é proporcional à persistência do Espírito no mal**; conseqüentemente, **o castigo seria eterno para aquele que permanecesse eternamente na mau caminho, mas, assim que um sinal de arrependimento entra no coração do culpado, Deus estende sobre ele sua misericórdia**. A eternidade das **penas** deve assim ser entendida no sentido relativo, e não no sentido absoluto.

21. Os Espíritos, encarnando-se, trazem com eles o que adquiriram em suas existências precedentes; é a razão por que os homens mostram instintivamente aptidões especiais; inclinações boas ou más que lhes parecem inatas.

As más inclinações naturais são os vestígios das imperfeições do Espírito, dos quais ele não se despojou inteiramente; **são também os indícios das faltas que ele cometeu**, e o verdadeiro pecado original. A cada existência ele deve lavar -se de algumas impurezas.

22. O esquecimento das existências anteriores é uma graça de Deus que, em sua bondade, quis poupar ao homem lembranças freqüentemente penosas. Em cada nova existência, o homem é o que ele fez de si mesmo; é para ele um novo ponto de partida — ele conhece seus defeitos atuais, sabe que esses defeitos são a consequência dos que tinha, tira conclusões do mal que pôde ter cometido, e isso lhe basta para trabalhar, corrigindo-se. Se tinha outrora defeitos que não tem mais, não tem mais que preocupar-se com eles; bastam-lhe as imperfeições presentes.

23. Se a alma ainda não existiu, é que foi criada ao mesmo tempo que o corpo; nessa suposição, ela não pode ter nenhuma relação com as que a precederam. Pergunta-se, então, como Deus, que é soberanamente justo e bom, pode tê-la feito responsável pelo erro do pai do gênero humano, maculando-a com um pecado original que ela não cometeu. Dizendo, ao contrário, que ela traz ao renascer o germe das imperfeições de suas existências anteriores, que **ela sofre na existência atual as consequências de suas faltas passadas**, dá-se do pecado original uma explicação lógica que todos podem compreender e admitir, porque a alma só é responsável por suas próprias obras.

24. A diversidade das aptidões inatas, morais e intelectuais, é a prova de que a alma já viveu; se tivesse sido criada ao mesmo tempo que o corpo atual, não estaria de acordo com a bondade de Deus ter feito umas mais avançadas que as outras. Por que selvagens e homens civilizados, bons e maus; tolos e brilhantes? Dizendo-se que uns viveram mais que os outros e mais adquiriram, tudo se explica.

25. Se a existência atual fosse única e devesse decidir sozinha sobre o futuro da alma para a eternidade, qual seria o destino das crianças que morrem em tenra idade? **Não tendo feito nem bem nem mal, elas não merecem nem recompensas nem punições**. Segundo a palavra do Cristo, sendo cada um recompensado segundo suas obras, elas não têm direito à felicidade perfeita dos anjos, nem merecem ser dela privadas. Diga-se que poderão, em uma outra existência, realizar o que não puderam naquela que foi abreviada, e não há mais exceções.

26. Pelo mesmo motivo, qual seria a sorte dos cretinos, idiotas? Não tendo nenhuma consciência do bem e do mal, não têm nenhuma responsabilidade por seus atos. Deus seria justo e bom tendo criado almas estúpidas para destiná-las a uma existência miserável e sem compensações? Admita-se, pelo contrário, que **a alma do idiota e do cretino é um Espírito em punição** dentro de um corpo impróprio para exprimir seu pensamento, onde ele é como um homem fortemente aprisionado por laços, e não se terá mais nada que não seja **conforme com a justiça de Deus**.

27. Em suas encarnações sucessivas, o Espírito, sendo pouco a pouco despojado de suas impurezas e aperfeiçoado pelo trabalho, chega ao termo de suas existências corpóreas; pertence então à ordem dos Espíritos puros ou dos anjos, e goza simultaneamente da vida completa de Deus e de uma felicidade imperturbável pela eternidade.

28. Estando os homens em expiação na terra, Deus, como bom pai, não os entregou a si mesmos sem guias. Eles têm primeiro seus Espíritos protetores ou anjos guardiães, que velam por eles e se esforçam para conduzi-los ao bom caminho; têm ainda os Espíritos em missão na terra, Espíritos superiores encarnados de quando em quando entre eles para lhes iluminar o caminho através de seus trabalhos e fazer a humanidade avançar. Se bem que Deus tenha gravado sua lei na consciência, ele achou que devia formulá-la de maneira explícita; mandou primeiro Moisés, mas as leis de Moisés estavam ajustadas aos homens de seu tempo; ele só lhes falou da vida terrestre, de penas e de recompensas temporais. O Cristo veio depois completar a lei de Moisés através de um ensinamento mais elevado: a pluralidade das existências, a vida espiritual, mas as penas e as recompensas morais. Moisés os conduziu pelo medo, o Cristo pelo amor e pela caridade.

29. O Espiritismo, mais bem entendido hoje, acrescenta, para os incrédulos a evidência à teologia; prova o futuro com fatos patentes; diz em termos claros e sem equívoco o que o Cristo disse em parábolas; explica as verdades desconhecidas ou falsamente interpretadas; revela a existência do mundo invisível ou dos Espíritos, e inicia o homem nos mistérios da vida futura; vem combater o materialismo, que é uma revolta contra o poder de Deus; vem enfim estabelecer entre os homens o reino da caridade e da solidariedade anunciado pelo Cristo. Moisés lavrou, o Cristo semeou, o Espiritismo vem colher.

30. O Espiritismo não é uma luz nova, mas uma luz mais brilhante, porque surgiu de todos os pontos do globo através daqueles que viveram. Tornando evidente o que era obscuro, põe fim às interpretações errôneas, e deve unir os homens em uma mesma crença, porque não há senão um Deus, e suas leis são as mesmas para todos; ele marca enfim a era dos tempos preditos pelo Cristo e pelos profetas.

31. Os males que afligem os homens na terra têm como causa o orgulho, o egoísmo e todas as más paixões. Pelo contato de seus vícios, os homens tornam-se reciprocamente infelizes e punem-se uns aos outros. Que a caridade e a humildade substituam o egoísmo e o orgulho, então eles não quererão mais prejudicar-se; respeitarão os direitos de cada um e farão reinar entre eles a concórdia e a justiça.

32. Mas como destruir o egoísmo e o orgulho, que parecem inatos no coração do homem? — O egoísmo e o orgulho estão no coração do homem, porque os homens são espíritos que seguiram desde o princípio o caminho do mal, e que foram exilados na terra como punição desses mesmos vícios; é o seu pecado original, de que muitos não se despojaram. Através do Espiritismo, Deus vem fazer um último apelo para a prática da lei ensinada pelo Cristo: a lei de amor e de caridade.

33. Tendo a terra chegado ao tempo marcado para tornar-se uma morada de felicidade e de paz, Deus não quer que os maus Espíritos encarnados continuem a trazer para ela a perturbação, em prejuízo dos bons; é por isso que eles deverão deixá-la: Irão expiar seu empedernimento em mundos menos evoluídos; onde trabalharão de novo para seu aperfeiçoamento em uma série de existências mais infelizes e mais penosas ainda que na terra.

Eles formarão nesses mundos uma nova raça mais esclarecida, cuja tarefa será levar o progresso aos seres atrasados que neles habitam, pelos conhecimentos que já adquiriram. Só sairão para um mundo melhor quando tiverem merecido, e assim por diante, até que tenham atingido a purificação completa: Se a terra era para eles um purgatório, esses mundos serão seu inferno, mas um inferno de onde a esperança nunca está banida.

34. Enquanto a geração proscrita vai desaparecer rapidamente; surge uma nova geração, cujas crenças serão fundadas no Espiritismo cristão. Nós assistimos à transição que se opera, prelúdio da renovação moral cuja chegada o Espiritismo marca.

Texto extraído do livro “O que é o Espiritismo” obra de Allan Kardec

17. Os Espíritos conservam todas as percepções que possuíam na Terra, mas em grau mais elevado, pois suas faculdades não são amortecidas pela matéria. Possuem sensações que nos são desconhecidas. Vêem e ouvem coisas que nossos sentidos limitados Não nos permitem ver nem ouvir. Para eles não existe a obscuridade, **salvo para aqueles cuja punição é a de estarem temporariamente nas trevas**. Todos os nossos pensamentos repercutem neles, que os lêem como em um livro aberto; de forma que o poderíamos esconder de alguém enquanto vivo, não o poderemos mais, desde que ele seja um Espírito, (O Livro dos Espíritos, no 237).

Textos extraídos do livro “Instruções práticas sobre as Manifestações Espíritas” obra de Allan Kardec

Vocabulário Espírita

EXPIAÇÃO, pena que sofrem os Espíritos como punição das faltas cometidas durante a vida corporal. A expiação, sofrimento moral, ocorre no estado de erraticidade, como o sofrimento físico ocorre no estado corporal. As vicissitudes e os tormentos da vida corporal são ao mesmo tempo, provas para o futuro e expiação do passado.

PENAS ETERNAS. Os Espíritos superiores nos ensinam que só o bem é eterno, porque é a essência de Deus, e que o mal terá um fim. Por consequência deste princípio, combatem a doutrina da eternidade das penas como contrária à idéia que Deus nos dá de sua justiça e de sua bondade. Mas a luz não se faz para os Espíritos senão proporcionalmente à sua elevação: nas classes inferiores suas idéias são ainda obscurecidas pela matéria; o futuro para eles está coberto por um véu. Não vêem senão o presente. Estão na posição de um homem que sobe uma montanha: no fundo do vale a neblina e as voltas do caminho limitam-lhe a vista; é-lhe preciso chegar ao cimo para descortinar todo o horizonte, avaliar o caminho que fez e o que lhe resta fazer. Os Espíritos imperfeitos, não divisando o termo de seus sofrimentos, julgam sofrer sempre, e este pensamento mesmo é um castigo para eles. Se, pois, certos Espíritos nos falam de penas eternas, é porque eles próprios crêem nelas em consequência de sua inferioridade.

PROVAS, vicissitudes da vida corporal pelas quais os Espíritos se purificam segundo a maneira pela qual as suportam. Segundo a doutrina espírita, o Espírito despreendido do corpo, reconhecendo sua imperfeição, escolhe ele próprio, por ato de seu livre arbítrio, o gênero de provas que julga mais próprio ao seu adiantamento e que sofrerá em sua nova existência. Se ele escolhe uma prova acima de suas forças, sucumbe, e seu adiantamento é retardado.

PESQUISA.

Até que aqui foram pesquisados os livros descritos acima, restando ainda:

- **O Livro dos Médiuns**
 - **Céu e o Inferno**
 - **A Gênese**
 - **Obras Póstumas**
 - **Coleção da Revista Espírita**
-

Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.

ALLAN KARDEC

Cap. XV — Forças viciadas — pág. 139

... o que a vida começou, a morte continua... Esses nossos companheiros situaram a mente nos apetites mais baixos do mundo, alimentando-se com um tipo de emoções que os localiza na vizinhança da animalidade. Não obstante haverem freqüentado santuários religiosos, não se preocuparam em atender aos princípios da fé que abraçaram, acreditando que a existência devia ser para eles o culto de satisfações menos dignas, com a exaltação dos mais astuciosos e dos mais fortes. O chamamento da morte encontrou-os na esfera das impressões delituosas e escuras e, como é da Lei que cada alma receba da vida de conformidade com aquilo que dá, não encontram interesse senão nos lugares onde podem nutrir as ilusões que lhes são peculiares, porquanto, na posição em que se vêem, temem a verdade e abominam-na, procedendo como a coruja que foge à luz.

Meu colega (Hilário) fez um gesto de piedade e indagou:

— Entretanto, como se transformarão?

Chegara o dia em que a própria Natureza lhes esvaziará o cálice — respondeu Aulus, convicto. — Há mil processos de reajuste, no Universo Infinito em que se cumprem os Desígnios do Senhor, chamam-se eles **aflição, desencanto, cansaço, tédio, sofrimento, cárcere...**

— Contudo — ponderei —, tudo indica que esses Espíritos infortunados não se enfastiarão tão cedo da loucura em que se comprazem...

— Concordo plenamente — redargüiu o instrutor —, todavia, quando não se fatiguem, a Lei poderá conduzi-los a prisão regeneradora.

— Como?

— A pergunta de Hilário ecoou, cristalina, e o Assistente deu-se pressa em explicar:

— Há dolorosas reencarnações que significam tremenda luta expiatória para as almas necrosadas no vício. Temos, por exemplo, o **mongolismo, a hidrocefalia, a paralisia, a cegueira, a epilepsia secundária, o idiotismo, o aleijão de nascença e muitos outros recursos angustiosos**, embora, mas necessários, e que podem funcionar, em benefício da mente desequilibrada, desde o berço, em plena fase infantil. Na maioria das vezes, semelhantes processos de cura prodigalizam bons resultados pelas provações obrigatórias que oferece...

— No entanto — comentei —, e se nossos irmãos encarnados visivelmente confiados à devassidão, resolvessem reconsiderar o próprio caminho?!... se voltassem à regularidade, a través da renovação (transformação) mental com alicerces no bem?!...

— Ah! Isso seria ganhar tempo, recuperando a si mesmos e amparando com segurança os amigos desencarnados... Usando a **alavanca da vontade, atingimos a realização de verdadeiros milagres...** Entretanto, para isso, precisariam despende esforço heróico.

Cap. XXVII — Mediunidade transviada — pág. 254/5

— André, sua dúvida é fora de propósito. Você possui bastante experiência para saber que a dor é o grande ministro da Justiça Divina. Vivemos a nossa grande batalha de evolução. Quem foge ao trabalho sacrificial da frente, encontra a dor pela retaguarda. O Espírito pode confiar-se à inação, mobilizando delituosamente a vontade, contudo, lá vem um dia a tormenta, compelindo-o a agitar-se e a mover-se para entender os impositivos do progresso com mais segurança. Não adianta fugir da eternidade, porque o tempo, benfeitor do trabalho, é também o verdugo da inércia.

Cap. XXVII — Mediunidade transviada — pág. 256

— E esse delito ficará impune?

Aulus fixou a expressão de bom humor e respondeu:

— Não se preocupem demasiado. Quando o erro procede da ignorância bem-intencionada, a Lei prevê recursos indispensáveis ao esclarecimento justo no espaço e no tempo, porquanto a genuína caridade, sob qualquer título, é sempre venerável. Entretanto, se o abuso é deliberado, não faltará corrigenda.

Os castigos, as penas e a Justiça Divina

por Héctor Centrón

Matéria extraída do Jornal Correio Fraternal do ABC - dezembro de 1990

É muito comum ler-se e escutar-se manifestações de espíritos que dizem que Deus, sendo a bondade infinita, **não castiga** — suas criaturas por faltas infringidas a suas leis; que somos nós mesmos quem nos castigamos com tais infrações. Também se costuma dizer que são as leis que nos punem, e não Deus.

Entretanto, isto que é tão comum tomar-se como uma verdade sobremaneira, longe está de ter seu fundamento nas obras da Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec, já que inúmeras passagens delas afirmam, categórica e claramente, o contrário, tanto manifestada pelo Mestre de Lyon, como pelos Espíritos Superiores que ditaram os ensinamentos básicos da Doutrina dos Espíritos.

Temos que obedecer então a esta distorção, confusão ou desentendimento entre a Doutrina e as expressões de tantos espíritos, adeptos e militantes destacados? É uma razão de forma ou de conceito?

No nosso entender, esta diferença entre as expressões meridiana de Kardec e dos Espíritos Superiores e das dos referidos espíritos, redundam em uma falsa concepção do que é **castigo**, motivo pelo qual trataremos de analisar o tema à luz dos textos das obras da codificação Espírita e os esclarecimentos de espíritos doutrinários e no espiritismo.

Primeiramente nos prenderemos às referências que existem nas obras fundamentais do Espiritismo, que são as autênticas revoluções copernicanas de nossa era contemporânea, conforme o dizer de Sir Oliver Lodge, já que devemos revalorizá-las como conhecimento doutrinário, ainda não superado, da Terceira Revelação, a síntese integral da ciência, filosofia e religião.

Kardec pergunta no parágrafo 737 do «**O LIVRO DOS ESPÍRITOS**»: **Com que objetivo Deus castiga a humanidade com destruidoras calamidades?** E os Espíritos respondem sem corrigi-lo: **Para que progredam mais rápido.** Já no parágrafo 101 da mesma obra Kardec assim se manifesta: **"Deus, para castigá-los quer que assim creiam"**. E no parágrafo 258a, pergunta o Codificador: **"Então é Deus quem impõe as tribulações da vida como castigo?"** E no comentário ao parágrafo 962, do mesmo livro capital do Espiritismo, diz: **"A idéia de que Deus nos dá da sua justiça e da sua bondade pela sabedoria de suas leis, não nos permite crer que o justo e o mau estejam num mesmo plano aos seus olhos, nem de duvidar que eles receberão um dia, um a recompensa outro o castigo, do bem ou do mal que tenham feito"**. No parágrafo 964, pergunta: **"Deus tem necessidade de ocupar-se de cada um de nossos atos, para premiar-nos ou castigar-nos?"** (o destaque é nosso).

Do mesmo modo segue manifestando-se Kardec em «**O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO**», V:6, assim como em «**O CÉU E O INFERNO**»..., VI-7 e 13, e em diversos parágrafos do capítulo VII, subitem **"Código Penal da Vida Futura"**, primeira parte, ambas citadas, sobre o qual temos que prestar uma especial atenção a respeito do tema que nos ocupa.

Os espíritos utilizam em suas respostas e comunicações esse mesmo termo **castigo**, como no «**O LIVRO DOS ESPÍRITOS**», parágrafos 764, 781a., 859a e muito especialmente na mensagem mediúnica do parágrafo 1009, feita por Paulo, Apóstolo. Os espíritos também a fazem no «**O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO**», X:6, 17 e 18 e XII: 10 e XII: 3, e em «**O CÉU E O INFERNO**»..., segunda parte, capítulo VIII, comunicação do Espírito Erasto, **"A pena de Talião"**, e na nota de Kardec, a comunicação do Espírito Claire Rivier.

Diante de todas estas citações a que deverá prender-se o leitor estudioso, é preciso fazer uma análise crítica e descobrir em que se fundamenta a afirmação tão ouvida de que Deus não castiga.

Léon Denis já assinalava em sua meritória obra «**O PROBLEMA DO SER E DO DESTINO**», cap. XXVI, **"A Dor"**, pág. 356, edição Kier, Buenos Aires, 1981: **"Allan Kardec foi reprovado por haver insistido demasiado em suas obras sobre castigo e a expiação. Isto tem levantado numerosas críticas. Eles nos dão — nos dizem —, uma falsa noção da ação divina; arrasta um excesso de penas incompatíveis com a suprema bondade"** (o destaque é nosso). E agrava Denis: **"Este juízo resulta de um exame demasiado superficial das obras do grande iniciador. A idéia, a expressão de castigo, excessiva talvez, se prenda a certas passagens isoladas, mal interpretadas em grande número de casos, se atenua e se apaga quando se estuda a obra inteira"**.

O problema, como vemos, não é novo. Ele deriva "de um exame demasiado superficial", como diz o Maestro de Foug, não temos dúvida.

Vemos as razões, prós e contras. Se diz a uma que Deus não castiga, mas sim suas Leis; também se manifesta que nos castigamos a nós mesmos — entre os quais se encontra Manuel

Gonzáles Soriano, destacado filósofo espírita espanhol —, pois Deus não pode ocupar-se de penalizar a cada uma de suas criaturas.

Mas, dado que Deus é o Legislador Supremo e suas leis, a expressão de sua vontade, não podemos reconhecê-lo alheio ao que estabelece suas leis, como diz o parágrafo 617 do «O LIVRO DOS ESPÍRITOS»: "todas as leis são divinas, posto que Deus é o autor de todas as coisas". Em consequência, se as leis castigam, Deus castiga, como expressam os Espíritos Superiores que ditaram a Doutrina Espírita. E coerentemente com esta Sua Voz, na «A GRANDE SINTESE», obra mediúnica psicografada por Pietro Ubaldí, diz no capítulo VIII; "A lei é Deus".

Quanto ao argumento de que "Deus não castiga, nos castigamos a nós mesmos", isto pode ser aceito no sentido de o fazermos por nossa própria determinação e livre arbítrio ao infringir as leis e, conseqüentemente, sofreremos a reação das mesmas por nossos atos; mas não podemos dizer por isso que nos castigamos a nós mesmos, pois se assim for, cremos que os espíritos rebeldes e iniciados no mal não sofreriam as penas, tão recalitrantes e endurecidos, como observamos nas sessões de desobsessão. Por isto é que não podemos aceitar ao que afirma Gonzáles Soriano em seu belo livro «O ESPIRITISMO E A FILOSOFIA», quarta parte, VII, Editorial Victor Hugo, Buenos Aires, 1949: "Deus os premia. Se Deus castigar produzirá a pena, o desgosto, a dor, a desgraça, o desespero. (...) O castigo divino seria, por outro lado, a divina injustiça. (...) Quem erra e se castiga é o espírito a si mesmo.

Pois bem, para o Espiritismo, atendemos à codificação de Kardec, Deus premia e castiga, dado que existe pena, desgosto, dor, desgraça, desespero — Quem poderá duvidar neste mundo de expiações e provas? — e porque tudo isto é condizente com o estabelecido no "Código Penal da Vida Futura" — com caracteres de certificado — (ver o capítulo VII, primeira parte, de «O CÉU E O INFERNO»).

A este respeito os espíritos contestam no parágrafo 963 do «O LIVRO DOS ESPÍRITOS»: "Deus se ocupa de todos os seres que criou, por mais pequenos que eles sejam. Nada é demais para a sua bondade". E no parágrafo 964 do mesmo livro pergunta Kardec: "Tem Deus necessidade de ocupar -se de cada um de nossos atos, para premiar -nos ou castigar-nos? Acaso a maior parte de tais atos não são insignificantes para Ele? E respondem os Espíritos: "Deus possui leis que regem vossas ações. Se as violais, vossa é a culpa". Portanto é evidente que não nos castigemos a nós mesmos, senão que isto obedece à imanência das leis divinas que atuam em nós mesmos, é dizer, por vontade e ditames de Deus. Por isso nos ensaja Jesus com suas manifestações imortais: "Não se faça a minha vontade, senão a vossa" e "nenhum cabelo se move de nossas cabeças sem a vontade do Pai", assim como nos aconselha orar o Pai Nosso: "e perdoa-nos nossas dívidas..." e corroborando tudo isso, Kardec expressa no comentário ao parágrafo 962 do «O LIVRO DOS ESPÍRITOS» (livro síntese da Doutrina Espírita): "O sentimento inato que temos da justiça divina nos dá a intuição das penas e as recompensas futuras".

Em consequência: Deus não atua, nem pessoal nem diretamente sobre as suas criaturas, senão através do que estabelecem suas leis sábias, sua vontade, da mesma maneira que obra — simples analogia imperfeita — o legislador humano quando condena ou reprime mediante o que dispôs na lei que criou; mas tampouco é indiferente, pois Ele está presente em tudo o que ocorre no universo infinito. Ademais, Deus tem outro meio sobre humano que, igual às ações que cumprem aos espíritos na execução de seus mandamentos, nos guia e orienta em nosso íntimo, iluminando-nos a consciência. Diz o parágrafo 621 de «O LIVRO DOS ESPÍRITOS»: Onde está escrita a Lei de Deus? Resp. dos Esp. "Na consciência".

Como dissemos anteriormente, cremos que este mal -entendido existente em muitos espíritos vem do sentido ou conceito equivocado que se dá às palavras castigo e pena.

Diz o dicionário: castigo: pena que se impõe ao que cometeu um delito ou falta.. E pena: castigo imposto por autoridade legítima a que cometeu um delito ou falta. Dor: tormento ou sentimento interior grande. Castigo: é um dos muitos termos derivados de *agere*, em latim, que significa executar. E pena, do latim *poena* em grego, de onde se origina o verbo punir, castigar.

Castigo, dor, pena, sofrimento e tormento são condições inerentes ao grau de inferioridade dos espíritos. A repulsa dos espíritos ao conceito de castigo de Deus provém de que a sanção se considera como um ato de vingança, de represália, mas nada mais errado que isso. De Deus, bondade infinita, não podemos provir essas atitudes para com suas criaturas. Diz Léon Denis na obra e capítulos supracitados: "Não é, pois, por vingança que a lei nos fere, e sim porque é bom e proveitoso sofrer, mesmo porque o sofrimento nos libera dando satisfação à consciência, cujo veredicto ela cumpre e".

O ponto 764 de «O LIVRO DOS ESPÍRITOS» diz. "A lei de talião é a justiça de Deus; e Ele quem a aplica. Todos vós sois castigados por onde haveis pecado, nesta vida ou em outra" (o sublinhado é nosso). Denis diz que não é por vingança que a lei — quer dizer

Deus — nos fere, e os espíritos contestam a Kardec que "a lei de talião é a justiça de Deus e Ele a aplica".

E seguimos citando a Denis de sua obra e capítulo já citados: "Sobre a Terra o sofrimento será físico e moral e constituirá um modo de reparação. Ele submergirá ao culpável em sua chama, para purificá-la; ele polirá, no laminador da prova, a alma deformada pelo mal". E Allan Kardec expressa no item 10 do "Código Penal da vida futura", de «O Céu e o Inferno», na primeira parte; "O espírito sofre a pena das infrações, lá no mundo espiritual, lá no mundo corporal. Todas as misérias, as vicissitudes que se sofrem na vida corporal, são consequência de nossas imperfeições ou expiações de faltas cometidas, sejam na existência presente, sejam nas precedentes". E o ponto 13 do mesmo código diz: O Deus exige para por término aos sofrimentos, é uma melhoria séria, efetiva, e uma volta sincera ao bem. Deste modo o espírito é sempre árbitro de sua própria sorte; pode prolongar seu sofrimento por sua persistência no mal; adoçá-lo ou abreviá-lo pelo seu esforço em fazer o bem. (...) Deus, que é justo, castiga ao mal enquanto existe; cessa de castigar quando o mal não existe ou, se quiser, sendo o mal moral, por si mesmo, uma causa de sofrimento, este sofrimento dura tão longo tempo como o mal subsiste; sua intensidade diminui à medida que o mal se debilita". E segue dizendo no item 14: "A duração do castigo, estando subordinada à melhora, resulta disto que o espírito que não se melhorar nunca, sofrerá sempre, e que, para ele, a pena será eterna".

Kardec diz em «O Céu e o Inferno»: V. 8, primeira parte: "O Espiritismo não vem pregar a penalidade futura, ao contrário, vem patenteá-la". E Dr. Fernando Ortiz, em sua obra «A Filosofia dos Espíritos - Estudo de Filosofia Jurídica», cap. XVIII "fundamentos da responsabilidade", diz: "O progresso do homem, quer dizer, o progresso do espírito, eis aí a finalidade psicológica da pena, assim neste mundo como no universo infinito. O progresso dos seres segundo as leis da natureza e da sociedade; eis aí a finalidade psicológica e subjetiva do castigo e das respectivas reações dolorosas contra os que desconhecem e menosprezam aquelas" (o sublinhado é nosso).

No cap. XIX, "Fundamento da Pena", da obra citada, publicada em espanhol pela Editora Victor Hugo, Buenos Aires, 1950, assim se manifesta o Dr. Ortiz: "A expiação que, como se diz, Allan Kardec exige em sua penologia junto com o arrependimento e a reparação, é mais um procedimento, um *modus corrigendi*, que uma finalidade da pena, como o foi nas teorias retribucionistas, já desacreditadas, por mais que os menores revivam na filosofia e sigam vivendo nas legislações". E no parágrafo seguinte acrescenta: "A penalidade deixa de ser um mal, para converter-se em um bem, em um tratamento de medicina social, à qual tem direito os delinquentes, assim como outros enfermos têm hoje direito, nos povos civilizados, à assistência médica. A medicina social poderá inferir males ou penas, os quais sem embargo, como as amputações efetuadas pelos cirurgiões, levam em si mesmas uma finalidade de bem, de cura, de readaptação, de correção" (o sublinhado é nosso).

E prossegue manifestando-se o Dr. Ortiz: "O Espiritismo codificado por Allan Kardec está, po is, nessa grande corrente de opinião científica criminológica, e de acordo com ela explica a penologia de seu Deus. E como bom correccionalista, esse Deus estabeleceu em além túmulo e também nesta encarnação terrena, um sistema de penalidade, de *tratamento penal*, de acordo com as idéias de correccionalismo contemporâneo, livre de certos lirismos de genial penalista alemão (se refere a Carlos David Augusto Roeder, 1806 - 1879), mas robustecida pelas considerações de positivismo evolucionista.

E revelando haver estudado profundamente a doutrina penal do Espiritismo, acrescenta o Dr. Ortiz: "Como se pode ver, o Espiritismo, sem deixar de ser correccionalista estima que, ao malvado tem que causar-lhe, a sua vez, como na antiga justiça simplesmente retributiva, um mal, ou melhor dito, (porque mal não é a palavra apropriada, dado o valor ético que dificilmente podemos separar dessa palavra) uma dor, um sofrimento, uma pena. *Pena ou dor que eticamente não é um mal, senão um bem, porquanto só pode significar o meio psicológico necessário para produzir o arrependimento, ou seja a correção moral, o progresso ético do espírito.* (...) É fé, que nessas teorias o Espiritismo está, como temos dado a entender, onde está, a ciência contemporânea" (obra citada, cap. XXIV, "A Pena de Talião").

Ante essas opiniões de um especialista em matéria penal e criminológica — o que não se manifesta espírita —, perguntamos: "Como os espíritos, que temos na Doutrina dos Espíritos até um código penal de vida futura muito pouco estudado e conhecido, podemos ter tão mal conceito do castigo, da dor, do sofrimento e das penas, quando eles são as mesmas essências de dito código que expressa os meios de que se vale a justiça Divina e em razão do que existe, como diz o Dr. Ortiz, um espiritismo criminológico e penal?"

Vemos como confluem e se harmonizam os conceitos penalistas do Dr. Ortiz, de Kardec e de Denis, já que este diz na obra e capítulo já citados, que o Espiritismo "constitui o remédio moral mais potente contra a dor. (...) Melhor que todas as outras doutrinas filosóficas, nos revela o grande papel do

sofrimento e nos ensina aceitá-lo. Fazendo da dor um meio educativo ou reparador, nos mostra a justiça e o amor divino interferindo até em nossas provas e em nossos males . (...) O sofrimento não é mais que um corretivo de nossos abusos, de nossos erros, um estimulante para nossa evolução .

Deste modo, as leis soberanas se mostram perfeitamente justas e boas, visto que não infringem a ninguém penas inúteis e imerecidas. "O estudo do universo moral nos enche de admiração feita da potência que, por meio da dor, transforma pouco a pouco as forças do mal em forças do bem, faz sair do vício a virtude, do egoísmo o amor!" (o sublinhado é nosso).

Em «O LIVRO DOS ESPÍRITOS», de Kardec, parágrafo 1009, diz a comunicação de Paulo o apóstolo: "Quem é, com efeito o culpado? Aquele que por uma desatenção, por um falso impulso da alma se aleija do objetivo da Criação, que consiste no harmonioso culto do belo e do bem, idealizados pelo arquétipo humano, pelo Enviado de Deus, por Jesus Cristo. E qual é o castigo? A natural consequência derivada desse falso impulso: uma soma de dores necessárias para que se canse de suas deformidades mediante a experimentação do sofrimento. O castigo é o agulhão que excita a alma por meio da amargura, para que se reforme a si mesmo e retorne ao caminho da salvação. O objeto a que se propõe o castigo não é outro que a reabilitação, a liberação do escravo " (o sublinhado é nosso).

Depois de todas essas expressões, com que razão podemos dizer que Deus não castiga, quando a punição tem, como vemos, um sentido tão renovador e misericordioso! Observemos que na Terra, a dor impera sobre todos os seres vivos, desde que ele adote os caracteres de dor -mal, dor-renúncia, dor-arrependimento, dor-expição, dor-reparação, dor-trabalho, dor-prova, dor-criação, dor-amor, pois eles constituem a dinâmica que impulsiona o processo evolutivo do Ser Imortal.

E Kardec, na "Observação" do "Código Penal da vida futura", item 20 de «O CÉU E O INFERNO»..., expressa: "Deus, ao criar uma alma sabe, com efeito, se em virtude de seu livre -arbítrio tomará o bom ou o mal caminho; sabe que será castigado, se fizer o mal; **mas sabe também que este castigo temporário é um meio de fazê-la entrar em bom caminho, onde chegará cedo ou tarde**". e no item 29 assim se manifesta: "A misericórdia de Deus é infinita, sem dúvida, mas ela não é cega. O culpado, a quem perdoa, não fica exonerado, e até que não haja satisfeito à justiça, sofre as consequências de suas faltas". E no item 30 prossegue; "As penas, sendo temporárias e subordinadas ao arrependimento e à reparação, que dependem da livre vontade do homem, são às vezes castigos e remédios que devem cicatrizar as feridas que ocasionam o mal. Os espíritos em castigo são , pois, não como condenados a presídio por um tempo, mas sim como enfermos em um hospital, que sofrem pela enfermidade que é a menor consequência de sua falta e dos remédios curativos dolorosos que necessitam" (o sublinhado é nosso).

Negar o castigo, a pena, o sofrimento, é como negar o mal, o que também se afirma erradamente, pois se eles são estados temporários que afetam o Ser imperfeito, nem por isso deixam de ser reais, positivos e necessários para servir à evolução deles, já que "**precisa que o espírito consiga experiência, e para isto faz falta que conheça o bem e o mal. Por isso existe a união do espírito com o corpo**", como diz «O LIVRO DOS ESPÍRITOS» no parágrafo 634. **Como se conheceria o mal, perguntamos, se não existisse?**

E sua voz, Ubaldi, em «A Grande Síntese», cap. LXXXI, afirma: "A dor não pode desaparecer sem a condição de que se pague a dívida à justiça que, no âmbito moral e social histórico e econômico, físico e químico, **é sempre idêntica à lei, igual vontade, o mesmo Deus**" (o sublinhado é nosso).

Com as próprias palavras com que finaliza o Mestre Kardec esse capítulo VII, primeira parte, de «O CÉU E O INFERNO»..., encerramos esta reflexão sumária nossa, sobre este aspecto tão controvertido; "**Tal é a lei da Justiça Divina: a cada um segundo suas obras, assim no céu como na terra**".

O castigo temporário é um meio de fazer compreender os erros e fazer entrar em bom caminho. ☐

Deus é a inteligência suprema causa primária de todas as coisas.

Questão nº 1 do «**O LIVRO DOS ESPÍRITOS**» obra codificada por Allan Kardec.

Qual a diferença entre provação e expiação?

A provação é a luta que ensina ao discípulo rebelde e preguiçoso a estrada do trabalho e da edificação espiritual. A expiação é a pena imposta ao malfeitor que comete um crime.

Emmanuel, no livro «**O CONSOLADOR**» 2ª parte - cap. V - Provação - q. 246

“... é melhor rejeitar dez verdades momentaneamente do que admitir uma só mentira, uma única teoria falsa. Porque sobre essa teoria, sobre a mentira podereis construir todo um sistema, que desmoronará ao primeiro sopro da verdade, como um monumento erigido sobre areia movediça”.

Erasto, na **Revista Espírita** (Jornal de Estudos Psicológicos publicada sob a direção de Allan Kardec), setembro de 1861, pág. 324, obra publicada no Brasil pela Editora Cultural Espírita Ltda. — EDICEL.

Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.

Allan Kardec